



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA – UESB  
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – PPGeo**

**MARIANA VIANA BRAGA**

**“ANTES A PRAÇA ERA UMA COISA E HOJE É OUTRA”  
REFUNCIONALIZAÇÃO E DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO NÚCLEO  
HISTÓRICO DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

**Vitória da Conquista – Ba  
2021**

**MARIANA VIANA BRAGA**

**“ANTES A PRAÇA ERA UMA COISA E HOJE É OUTRA”  
REFUNCIONALIZAÇÃO E DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO NÚCLEO HISTÓRICO  
DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (PPGeo/UESB), como requisito final para obtenção do título de mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do espaço geográfico.  
Linha de pesquisa: Produção dos espaços urbanos e rurais.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. D. Sc. Geisa Flores Mendes

**Vitória da Conquista – Ba  
2021**

B792a

Braga, Mariana Viana.

“Antes a praça era uma coisa e hoje é outra” Refuncionalização e dinâmica Socioespacial do núcleo histórico de Vitória da Conquista - Bahia. / Mariana Viana Braga, 2021.

108f.; il. (algumas color.)

Orientador (a): D. Sc. Geisa Flores Mendes.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia,  
Programa de

Pós-Graduação em Geografia - PP GEO, Vitória da Conquista, 2021.

Inclui referência F. 109 – 116.

1. Dinâmica socioespacial. 2. Patrimônio cultural – Memória social. 3. Refuncionalização – Núcleo histórico Vitória da Conquista. I. Mendes, Geisa Flores. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PP GEO. T. III.

CDD: 304.23

Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890**

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**“ANTES A PRAÇA ERA UMA COISA E HOJE É OUTRA”.  
REFUNCIONALIZAÇÃO E DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO NÚCLEO  
HISTÓRICO DE VITÓRIA DA CONQUISTA – BAHIA**

MARIANA VIANA BRAGA

Defesa de Dissertação apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Geografia da  
UESB (PPGeo-Uesb), como requisito para  
obtenção do título de MESTRE.

Aprovada em: **30 de março de 2021**

Banca Examinadora

  
Geisa Flores Mendes

---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Geisa Flores Mendes**  
(Orientadora) (UESB)



---

**Prof. Dr. Glauber Barros Alves Costa**  
(Examinador Externo) (UNEB)



---

**Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Meirilane Rodrigues Maia**  
(Examinador Interno) (UESB)

**Vitória da Conquista- Ba**

## AGRADECIMENTOS

“Consagre ao Senhor tudo o que você faz, e os seus planos serão bem-sucedidos.”  
(Provérbios 16:3).

A **Deus** consagro a conquista do mestrado, dedico esse fruto aos meus Pais, pelo amor e generosidade comigo, por terem abdicado dos seus sonhos e vontades, para que eu pudesse realizar os meus.

À minha irmã **Hellen** por ser meu alicerce diário, pelo incentivo e ajuda durante essa caminhada.

À minha **família, avós, tios, primos e primas**, por estar sempre presente em minha vida e por compartilhar momentos especiais que me fortalecem para estar disposta a batalhar por novas conquistas.

À **Geisa**, minha orientadora, que me acolheu desde o primeiro contato, não tenho palavras para expressar minha imensa gratidão. A sua orientação foi um verdadeiro presente de Deus, sem ela não teria chegado até aqui. Obrigada pela sua dedicação, confiança, amizade e incentivo.

À **Isabela e Paula** por sempre estarem dispostas e disponíveis a ajudar nos momentos difíceis. A vocês também dedico essa conquista. Aos amigos **Rafael, Vanessa, Maryana, Laílla, Rodrigo e Milena** pelo incentivo, apoio e por sempre entenderem a minha ausência, em muitos momentos, os quais estavam sendo dedicados a esta dissertação.

A todos os **professores** do PPGeo por todo aprendizado e pelas contribuições significativas. Gratidão em especial ao professor **Mario Rubem** pela paciência e por ser tão solícito quando necessário.

À **turma** pelas discussões, viagens e aprendizados. Em especial à **Carol**, pela parceria e por dividir, além do amor pela Arquitetura, as dificuldades do dia a dia na sala de aula.

Ao meu companheiro, **Thiago**, pela paciência, por tornar essa jornada muito mais leve, por me cobrir de amor e tranquilidade todos os dias.

Por fim, agradeço a todos que, de uma maneira ou outra, colaboraram com a pesquisa.

A todos vocês, minha gratidão.

*De que são feitos os dias?  
– De pequenos desejos,  
vagarosas saudades,  
silenciosas lembranças...*

*(Cecília Meireles)*

## RESUMO

A pesquisa teve o propósito de analisar a interferência da refuncionalização de edificações antigas na dinâmica socioespacial da área central do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista – Bahia. Para tanto, buscou-se uma aproximação teórica entre as categorias de patrimônio cultural, memória social e território. O suporte dos estudos de autores como Lefèbvre (2006), Rolnik (1992) e Carlos (2011) embasam a análise da categoria Patrimônio Cultural. Halbwachs (2006), Nora (1996) e Paoli (1992), constituem-se os principais autores para a abordagem da Memória social. Haesbaert (2004), Santos (2000) e Saquet (2007) deram suporte para a discussão da categoria território. As análises sobre a história da cidade, em especial o seu centro histórico, foram alicerçadas nos estudos de Sousa (2001) e Ferraz (2001). Para viabilizar a presente pesquisa qualitativa, foram realizados procedimentos metodológicos que incluíram pesquisas documentais com o objetivo de levantar fontes que possibilitassem a articulação entre a Geografia e a Arquitetura, tendo como foco temas referentes à relação entre patrimônio, território e memória. Além disso, foi feito um levantamento histórico bibliográfico que serviu de base para a compreensão do processo de formação do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista. Na pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, associadas a fotografias, com sujeitos sociais que, de alguma maneira, atuaram ou atuam no processo de refuncionalização das edificações e que estão inseridos na sociedade conquistense. Para identificar as alterações da dinâmica socioespacial do núcleo histórico promovidas pelo processo de reconfiguração foram feitas observações *in loco* no cotidiano dos transeuntes da Praça Tancredo Neves e das edificações refuncionalizadas que ficam no seu entorno. Assim, a pesquisa evidenciou que a dinâmica da área central do núcleo histórico está em constante processo de produção e o fato de possuir edificações históricas refuncionalizadas com usos culturais tem contribuído para a (re)configuração desse espaço.

**Palavras-chave:** Dinâmica socioespacial. Memória. Patrimônio. Refuncionalização. Território.

## ABSTRACT

The research had the purpose of analyzing the interference of the refunctionalization of old buildings in the socio-spatial dynamics of the downtown historic of the city of Vitória da Conquista - Bahia. For this purpose, a theoretical approach was sought between the categories of cultural heritage, social memory and territory. The support of studies by authors such as Lefèbvre (2006), Rolnik (1992) and Carlos (2011), support the analysis of the Cultural Heritage category; Halbwachs (2006), Nora (1996) and Paoli (1992), are the main authors for the approach to Social Memory. Haesbaert (2004), Santos (2000) and Saquet (2007) provided support for the discussion of the territory category. The analyzes on the history of the city, especially its historic center, were based on the studies of Sousa (2001) and Ferraz (2001). In order to make this research feasible, methodological procedures were carried out that included documentary research with the objective of raising sources that would make possible the articulation between Geography and Architecture, focusing on themes related to the relationship between heritage, territory and memory. In addition, a bibliographic historical survey was carried out, which served as a basis for understanding the process of forming the downtown historic the city of Vitória da Conquista. In the field research, semi-structured interviews associated with photographs were carried out, with social subjects who, in some way, acted or act in the process of refunctionalization of buildings and who are inserted in the conquering society. In order to identify the changes in the socio-spatial dynamics of the historical nucleus promoted by the reconfiguration process, observations were made in loco, in the daily lives of passers-by at Praça Tancredo Neves and the refunctionalized buildings that are in its surroundings. Thus, the research showed that the dynamics of the central area of the historical nucleus is in constant production process and the fact that it has refunctionalized historical buildings with cultural uses has contributed to the (re) configuration of this space.

**Key –Words:** Socio-spatial dynamics. Memory. Patrimony. Refunctionalization. Territory.



## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> - Área do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista – Bahia. ....	19
<b>Figura 2</b> - Localização das edificações pesquisadas na área central do núcleo histórico de Vitória da Conquista - Bahia, 2020. ....	20
<b>Figura 3</b> - Concepção teórico-metodológica da pesquisa, 2020. ....	23
<b>Figura 4</b> - Antiga Rua Grande com projeção da configuração atual existente, 2021. ....	28
<b>Figura 5</b> - Rua Grande em dia de feira entre as décadas de 1920 e 1930. ....	29
<b>Figura 6</b> - Igreja Matriz de Vitória da Conquista, cuja construção foi iniciada em 1803 e demolida em 1932. ....	30
<b>Figura 7</b> - Catedral Nossa Senhora das Vitórias, 2016. ....	31
<b>Figura 8</b> - Esboço da Praça da República, 1940. ....	32
<b>Figura 9</b> - Jardim das Borboletas, 1957. ....	33
<b>Figura 10</b> - Reforma do Jardim das Borboletas, 1985. ....	34
<b>Figura 11</b> - Lei Nº 335 de setembro de 1985 que altera o nome da Praça da República para Praça Presidente Tancredo Neves. ....	35
<b>Figura 12</b> - Centro cultural Câmara de Vereadores de Vitória da Conquista, 2015. ....	50
<b>Figura 13</b> - Fachada Casa de Dona Zaza, 2016. ....	51
<b>Figura 14</b> - Estudo de usos e atividades do entorno da Praça Tancredo Neves com raio de 500 metros - Vitória da Conquista, realizado no ano de 2018. ....	53
<b>Figura 15</b> - Praça Tancredo Neves em período natalino em dezembro de 2017. ....	54
<b>Figura 16</b> - Praça Tancredo Neves, 2014, anterior a construção da Alameda Dom Celso Pinto, com localização da Alameda demarcada em vermelho. ....	56
<b>Figura 17</b> - Antes e depois da construção da Alameda Dom Celso José Pinto da Silva. ....	57
<b>Figura 18</b> - Maquete eletrônica produzida em estudo anterior pela autora, como proposta de revitalização do núcleo histórico da Cidade, 2018. ....	58
<b>Figura 19</b> - Maquete eletrônica produzida em estudo anterior pela autora, como proposta de intervenção urbanística, 2018. ....	59
<b>Figura 20</b> - Fachada do Casarão que abriga o Memorial Governador Régis Pacheco, com ampliação do frontispício, 2016. ....	60
<b>Figura 21</b> - Rua Grande, Catedral Nossa Senhora das Vitórias e Memorial Regis Pacheco, década de 1930. ....	61
<b>Figura 22</b> - Rua Grande, após divisão em duas Praças e o Memorial Régis Pacheco com 6 janelas na fachada ainda em arco, década de 1940. ....	62

<b>Figura 23</b> - Fachada frontal do Museu Regional de Vitória da Conquista, 2020.....	66
<b>Figura 24</b> - Fachada do casarão que abriga o Centro de Convivência do Idoso, 2016. ....	71
<b>Figura 25</b> - Amigas em evento na antiga piscina do Centro de Convivência do Idoso, 2005.	76
<b>Figura 26</b> - Fluxo de pessoas na Praça Tancredo Neves, 2020. ....	84
<b>Figura 27</b> - Crianças na Praça Tancredo Neves, 2020.....	85
<b>Figura 28</b> - Percepções dos entrevistados acerca da dinâmica da Praça Tancredo Neves após novos usos, 2020. ....	86
<b>Figura 29</b> - Memorial Régis Pacheco com decoração de natal, 2020. ....	89
<b>Figura 30</b> - Elementos significativos que compõem a heterogeneidade dos usos e sujeitos sociais da Praça Tancredo Neves.....	90
<b>Figura 31</b> - Foto da infância da autora na Praça Tancredo Neves, 1998.....	94

## LISTA DE PAINÉIS

<b>Painel 1</b> - Matéria do Jornal Tribuna do Café e fotos do evento de inauguração da Praça, 1985.....	36
<b>Painel 2</b> - Período natalino na casa Memorial Régis Pacheco, apresentação de terno de reis, presépio e coral, 2017.....	55
<b>Painel 3</b> - Revestimentos, metais, forros e lustres que foram mantidos na edificação Memorial Régis Pacheco durante a reforma. ....	63
<b>Painel 4</b> - Sala de jantar e cozinha da casa Régis Pacheco, 2020. ....	64
<b>Painel 5</b> - Pátio externo, salão de eventos e garagem do Memorial Régis Pacheco, 2020. ....	65
<b>Painel 6</b> - Cozinha e quintal da casa que abriga o Museu Regional de Vitória da Conquista, 2020. ....	68
<b>Painel 7</b> - Biblioteca e quadros do Museu Regional de Vitória da Conquista, 2020.....	69
<b>Painel 8</b> - Sala de costura, sala administrativa, cozinha e salão de beleza do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista, 2020.....	73
<b>Painel 9</b> - Área de convivência, circulação, rampa e salão anexo do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista, 2020. ....	74
<b>Painel 10</b> - Acesso principal do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista, 2020.....	75
<b>Painel 11</b> - Praça Tancredo Neves com decoração de natal, 2020.....	88

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 O NÚCLEO HISTÓRICO CONQUISTENSE: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA SOCIAL NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO .....</b>	<b>27</b>
2.1 ESPAÇO-TEMPO: O NÚCLEO HISTÓRICO CONQUISTENSE .....	27
2.2 DIMENSÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL .....	37
2.3 MEMÓRIA SOCIAL E O PERTENCIMENTO IDENTITÁRIO .....	39
2.4 O PATRIMÔNIO CULTURAL E A VISÃO GEOGRÁFICA DE RUGOSIDADE .....	40
<b>3 AS NUANCES DO TERRITÓRIO E OS PROCESSOS DE (DES)TERRITORIALIZAÇÃO E (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DE EDIFICAÇÕES ANTIGAS.....</b>	<b>44</b>
3.1 A REFUNCIONALIZAÇÃO DE EDIFICAÇÕES ANTIGAS NA ÁREA CENTRAL DO NÚCLEO HISTÓRICO DE VITÓRIA DA CONQUISTA .....	47
3.2 CASA MEMORIAL GOVERNADOR RÉGIS PACHECO .....	59
3.3 MUSEU REGIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA - CASA HENRIQUETA PRATES .....	66
3.4 CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO .....	70
<b>4 A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO CENTRO HISTÓRICO CONQUISTENSE..</b>	<b>79</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>93</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>103</b>
<b>APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM FREQUENTADORES DA PRAÇA TANCREDO NEVES .....</b>	<b>104</b>

<b>APÊNDICE B - ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS RESPONSÁVEIS PELA ADMINISTRAÇÃO DOS ESPAÇOS.....</b>	<b>105</b>
<b>APÊNDICE C - QUADRO COM O PERFIL DOS ENTREVISTADOS.....</b>	<b>106</b>
<b>APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE..</b>	<b>107</b>

**DE DENTRO PARA FORA ...**



Fonte: Janela do Memorial Régis Pacheco. Elaboração da autora (2020).

*Os olhos são a janela da alma e o espelho do mundo.*

*(Leonardo da Vinci)*

## 1 INTRODUÇÃO

---

*A síntese entre a preservação do passado e o atendimento às necessidades contemporâneas é, em si mesmo, uma arte.*

*(Paulo Ormino de Azevedo)*

A cidade é viva e, por isso, está sempre passando por transformações, evidenciando, a cada instante, possibilidades e perspectivas diversas. Essa dinamicidade, que é uma característica da cidade, instigou Pesavento (2004) a fazer uma analogia desta com um palimpsesto<sup>1</sup>, pois, tal como este, a cidade se encontra em um constante processo de escrever/apagar que gera rasuras, rugas e trocas de significados no espaço e no tempo. A cidade se impõe como um texto a ser lido e interpretado, tanto no seu contexto mais amplo quanto naquele mais intimista que parte de dentro das casas e edificações. É assim que, por meio das janelas, do jogo de luzes e sombras que se definem os volumes e os enquadramentos escusos, o olhar decifra a cidade. A janela é como um espelho que reflete a alma, e aqui nos apropriamos desse significado, pois partimos do pressuposto de que os sujeitos sociais constituem a cidade e são, também, por ela produzidos.

As janelas fazem parte do nosso cotidiano. Segundo Brant<sup>2</sup> há algo de espiritual no ato de olhar pela janela. É como se o espaço interior fosse estendido para fora. Ali, percebemos os pequenos detalhes: pessoas, memórias e significados. Não por acaso as janelas foram escolhidas como imagens introdutórias de cada seção com a intenção de provocar exatamente essa sensação e instigar a análise acerca da relação entre a paisagem urbana, em sua dinâmica de constante transformação, e o espaço vivido das edificações históricas.

De dentro de cada casa para fora existem dois mundos diferentes que precisam um do outro para existir e a janela faz parte dessa linha tênue entre o interno e externo. O espaço interior (dentro) composto pela arquitetura, em que os homens entram e vivem, especificidade epistemológica do fazer arquitetônico se conecta com o espaço externo (o fora), uma vez que esse espaço externo é o espaço que se dá para o homem e é composto por ele. É nessa

---

<sup>1</sup>O palimpsesto é uma imagem arquetípica para a leitura do mundo. Palavra grega surgida no século V a.C., depois da adoção do pergaminho para o uso da escrita, o palimpsesto veio a significar um pergaminho do qual se apagou a primeira escritura para reaproveitamento por outro texto (PESAVENTO, 2004, p. 26).

<sup>2</sup>Fotógrafo brasileiro, atualmente reside em Paris, criador da série de fotografias chamada “Lesfênetres de laville”, em português “As Janelas da Cidade”, com fotos de janelas que mostram a relação entre a paisagem urbana e o espaço privado.

conexão entre o interior e o exterior que as relações socioespaciais são produzidas (LEITÃO; LACERDA, 2016). Ao discutir essa questão Zevi relata,

[...] a “distinção” entre o “espaço interno” próprio da arquitetura e o “espaço exterior” que define a urbanística é justificada só num ponto de vista didático, pois o vazio de uma praça ou de uma estrada, exterior em relação aos edifícios que o ladeiam, é interior em relação à cidade. [E mais:] Os métodos que caracterizam [o projeto de] uma praça ou uma rua não são diferentes daqueles que se usam para definir as salas, as galerias, os pórticos ou os pátios de um salão (ZEVI, 1979, p. 72-73).

De dentro dos casarões antigos, marcados por múltiplas memórias, as janelas, com suas formas e contornos característicos de uma determinada época, muitas com as marcas do tempo, como as fissuras na madeira, permitem vislumbrar a Praça em movimento. Do ponto de vista da arquitetura, a janela é uma abertura num elemento de vedação e possibilita a ventilação e a insolação dos ambientes internos. Do ponto de vista simbólico, a janela evidencia a abertura para as influências externas, marcada por cores, sons, cheiros e dinâmicas que promovem uma vastidão de experiências.

Próximo de completar dois séculos de existência, com 180 anos de história, a cidade de Vitória da Conquista tem parte do seu núcleo originário de formação ainda conservado, embora grandes mudanças tenham ocorrido durante os anos de expansão da cidade. Ao longo desse tempo, como é próprio da dinâmica espacial, muitas construções antigas foram destruídas ou reconfiguradas, ruas e praças foram modificadas. A cidade se espraiou, a população aumentou e, em decorrência disso, surgiu a necessidade de expandir, construir e demolir aquilo que já não apresentava mais utilidade.

Considera-se esse núcleo originário a área compreendida como centro histórico e o seu entorno imediato, normalmente, o casario em volta da igreja matriz, junto com uma praça principal. Cada sujeito social, na sua liberdade de pensamento, pode buscar entender e conceituar algo, conforme seu ponto de vista. Talvez para muitos visitantes da cidade, que se constituem numa população flutuante, essa área central não remeta ao núcleo histórico, e esses não façam tal associação, mas para aqueles que têm raízes conquistenses, que guardam memórias, vivências e uma identidade construída nesse espaço, este se reveste de grande importância.

Quando criança era levada pelos meus familiares aos fins de semana para passear na Praça, para assistir às missas na catedral, encantava-me com as edificações antigas e com o sentimento de nostalgia que elas criavam naquele lugar. No período natalino, sempre havia muitas luzes e decorações na Praça e as casas formavam o cenário perfeito para o presépio



que ganhava forma naquela época do ano. Essas memórias são comuns para muitos conquistenses que se identificam com esse espaço, memórias essas capazes de ativar histórias vividas e trazer sentimentos de identidade e pertencimento àquele lugar.

A problemática da pesquisa ora apresentada surgiu de uma inquietação pessoal, como moradora da cidade de Vitória da Conquista, arquiteta e urbanista, atenta às modificações da dinâmica da cidade e do seu centro histórico. Tal olhar instigou reflexões acerca de como esse núcleo central foi formado e, ao logo da graduação em Arquitetura, debruicei-me sobre o estudo dessas edificações antigas que compõem esse núcleo atualmente, e sobre a história e as memórias que cada uma delas guarda em si.

Ao ingressar na graduação, tive a oportunidade de estudar as edificações antigas e perceber que muitas delas ganharam novos usos, como o Museu, o Centro de Convivência, o Memorial, entre outros, o que suscitou a necessidade de expandir os conhecimentos recorrendo a uma nova ciência que permitisse entender de que forma essas modificações influenciam na dinâmica socioespacial do núcleo histórico. É nesse contexto que a Geografia, campo de estudos proveniente das ciências humanas, vem trazer novas perspectivas de abordagem para a Arquitetura, oriunda das ciências sociais aplicadas e exatas. Embora com corpos disciplinares específicos, tanto a Geografia quanto a Arquitetura se debruçam sobre o mesmo objeto, o espaço. Espaço este onde se realiza a experiência social e cultural e no qual se desdobram as práticas sociais: o uso, as formas de organização, produção, consumo e circulação.

Todo esse envolvimento em torno desse lugar, que é o núcleo histórico, suscitou o principal objetivo desta pesquisa: analisar a interferência da refuncionalização de edificações antigas na dinâmica socioespacial da área central do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista – Bahia. Para tanto, foram traçados também objetivos específicos com o propósito de: avaliar a influência do patrimônio cultural na produção do espaço conquistense; compreender de que forma a reterritorialização de edificações antigas pode interferir nas relações sociais e na produção do espaço do núcleo histórico da cidade e estudar as formas pelas quais a refuncionalização de patrimônios históricos pode contribuir para a conservação das edificações.

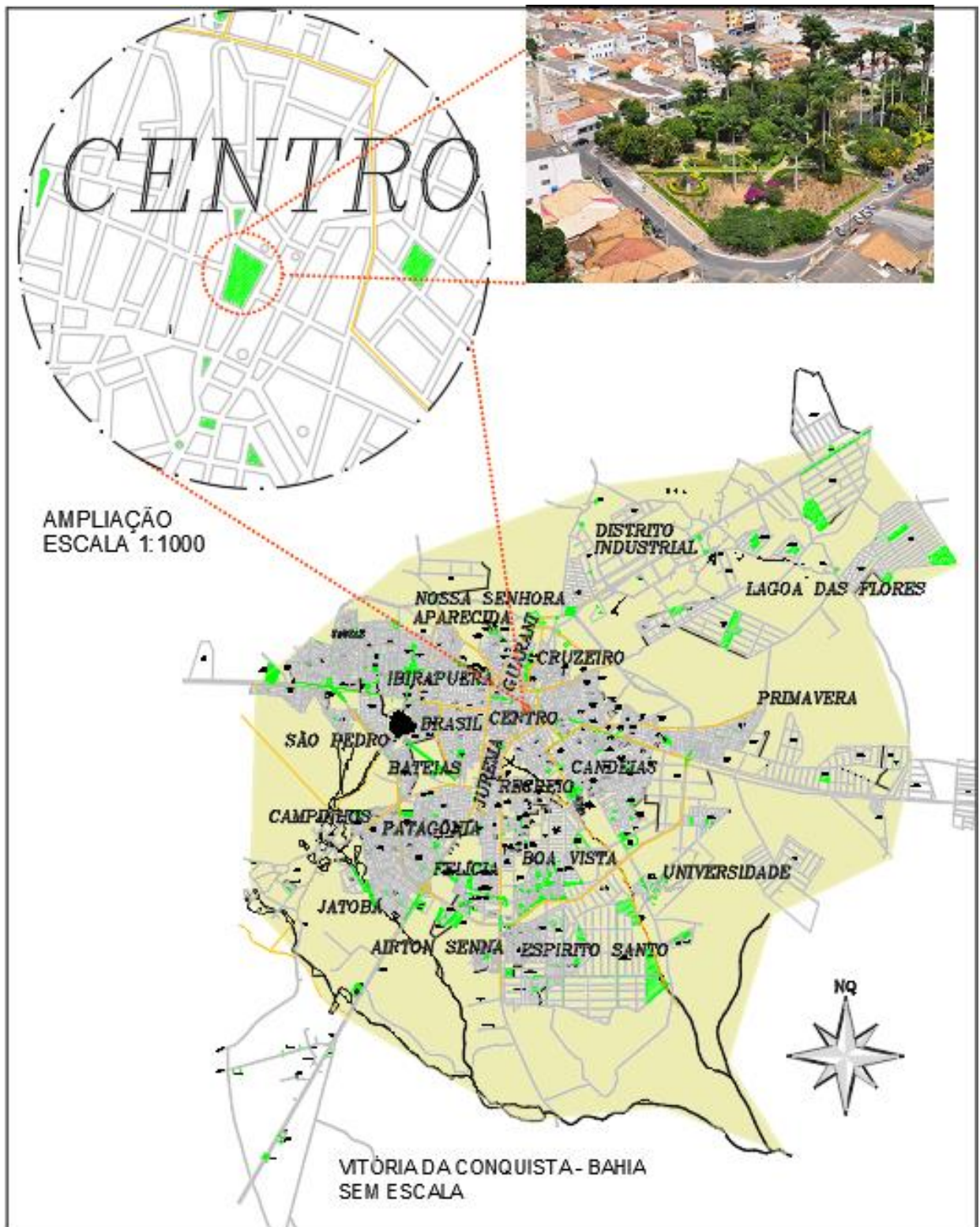
As denominações mais utilizadas em estudos que abordam processos de intervenção em centros urbanos são: revitalização, requalificação, reabilitação e refuncionalização. Neste sentido, foi de grande importância definir as diretrizes de cada uma delas para enquadrá-las ao uso nesta pesquisa. A requalificação é um instrumento para melhoria da qualidade de determinado lugar, promovendo a construção e a recuperação de áreas, valorizando o espaço

arquitetônico. Requalificar pode ser considerado como inovar algo, ou seja, implantar um novo uso, atribuindo uma função nunca exercida, o que torna diferente da reabilitação, que traz à tona um uso que havia anteriormente (PIANCA, 2017).

A diferença na definição dos termos reabilitar e revitalizar está no fato de o primeiro exigir a manutenção da identidade e das características, e o segundo admitir que esse mesmo procedimento possa ser adotado em zonas com ou sem identidade (VASCONCELLOS; MELLO, 2009). A refuncionalização, por sua vez, engloba processos de alteração de uma área ou local com o fim de conferir novas funções, diferentes daquelas pré-existentes, conservando ao máximo sua estrutura física original (BLASCOVI, 2006). O termo refuncionalização consiste em todos esses sentidos dos projetos de renovação de uso de um espaço ou lugar, tais como: reabilitação, requalificação, revitalização, entre outros (PAES-LUCHIARI, 2005).

O espaço que concentra o centro histórico é considerado o local em que foi dado o ponto de partida da cidade e se caracteriza por abrigar igrejas antigas, prédios e casarios com estilos diversos e que retratam a identidade local. Esses locais estão para as cidades como um dos principais espaços de realizações públicas, a exemplo de eventos e encontros, e eles são importantes na configuração da identidade cultural de uma localidade. No município de Vitória da Conquista, o núcleo histórico está localizado no centro da cidade e atualmente é onde se encontra a Praça Tancredo Neves (Figura 1).

Figura 1 - Área do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista – Bahia.



Fonte: Gusmão (2010)<sup>3</sup>. Elaboração da autora (2020).

<sup>3</sup>GUSMÃO, J. L. O. Vitória da Conquista 170 anos. Fev. 2010.

A localização da área de pesquisa, como demonstra a Figura 1, evidencia a Praça Tancredo Neves, praça pública que funciona como ponto de descompressão<sup>4</sup> ao proporcionar uma ruptura na paisagem conformada pelas construções, acrescentando valor simbólico à cidade (CALDEIRA, 2007).

A pesquisa teve o propósito de analisar três edificações que foram refuncionalizadas na área central do núcleo histórico da cidade. Cada casarão possui atualmente um uso diferente, o Memorial Régis Pacheco, localizado ao lado da Catedral Nossa Senhora das Vitórias, na Praça Tancredo Neves, o Centro de Convivência do Idoso, localizado na Rua Zeferino Corrêa, e o Museu Regional de Vitória da Conquista, localizado na Rua Maximiliano Fernandes. A localização das edificações pode ser observada na Figura 2.

Figura 2 - Localização das edificações pesquisadas na área central do núcleo histórico de Vitória da Conquista - Bahia, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

Ainda que existam outras edificações refuncionalizadas no centro histórico da cidade, e tão importantes quanto essas, tais casarões foram escolhidos por terem em comum a localização na área central do núcleo histórico, local que concentra a análise da dinâmica socioespacial aqui pretendida. O recorte da pesquisa se justifica ainda pelo fato de que a

<sup>4</sup>O ato ou efeito de descomprimir, de aliviar o que está sob efeito de pressão ou compressão, neste caso, a Praça funciona como ponto de descompressão, pois é um amplo espaço em meio aos prédios e edificações do centro da cidade, rompendo com a paisagem urbana edificada (CALDEIRA, 2007).

ampliação desse estudo, ultrapassando a área delimitada, assumiria uma dimensão incompatível com o tempo disponível para uma dissertação de mestrado. Além disso, considerou-se a importância dessas edificações e dos seus usos para diversos sujeitos sociais, bem como a forma como elas impactam de forma significativa a dinâmica deste núcleo central.

A pesquisa está pautada em uma abordagem fenomenológica, uma vez que tal abordagem recorre a procedimentos que melhor se adequam aos objetivos propostos, pois tal abordagem contempla “[...] a estrutura integral da experiência vivida, os significados que essa experiência tem para os sujeitos sociais que a vivenciam.” (NASCIMENTO; COSTA, 2016, p. 46). O enfoque da pesquisa está diretamente relacionado com as vivências e memórias dos sujeitos sociais, articulando as práticas cotidianas com a produção do espaço e a formação da identidade. Dessa forma, “[...] o objeto de conhecimento para a fenomenologia não é o sujeito nem o mundo, mas o mundo enquanto é vivido pelo sujeito” (GIL, 2008, p.14). Assim, o pesquisador busca compreender a percepção que o sujeito tem do fenômeno estudado e como se expressa nele. Ancorada nessa compreensão, a pesquisa buscou uma aproximação teórica entre as categorias Patrimônio histórico, memória social e território.

Qualquer abordagem geográfica suscita a necessidade de recorrer a categorias de análise que ofereçam sustentação teórica à discussão. Existem múltiplas possibilidades de operar com as categorias geográficas, no entanto, em se tratando da categoria da Geografia que mais se aproxima da abordagem dessa pesquisa, optamos pela categoria território, pois tal categoria expressa as vinculações de ações passadas com as do presente, em que os lugares assumem uma dinâmica diferente decorrente do momento histórico, com isso pode-se compreender as rugosidades do presente, pois “O território [...] se constitui pelo sistema de técnicas; e a técnica é um elemento que representa como o território se transformou ao longo do tempo, trazendo a ele novos usos, novas ações, novas manifestações a cada período de evolução” (ALVES, 2017, p. 64).

Os autores que deram suporte teórico para a discussão da categoria território foram especialmente Haesbaert (2004), Santos (2005) e Saquet (2007). O suporte teórico utilizado para a categoria patrimônio cultural foi buscado em Lefèbvre (2006), Rolnik (1992) e Carlos (2011). No que concerne à memória social, Halbwachs (2006), Nora (1993) e Paoli (1992) constituíram-se nas principais referências. Também foram fundamentais as contribuições de autores locais, a exemplo de Sousa (2001) e Ferraz (2001), para alicerçar as análises sobre a história da cidade, em especial o seu centro histórico.

Para a realização do estudo, considerou-se importante a apropriação de alguns elementos do método da pesquisa etnográfica, que consiste em um conjunto de técnicas de trabalhos de campo, tradicionais da Antropologia (e da Etnologia), que apresenta a importância das vivências e experiências junto aos grupos sociais estudados (CARNEIRO, 2013). A etnografia é utilizada como uma ferramenta metodológica que consiste:

[...] no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) impõe ao pesquisador ou a pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para se situar no interior do fenômeno por ele ou por ela observado através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade por meio das quais a realidade investigada se lhe apresenta (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 2).

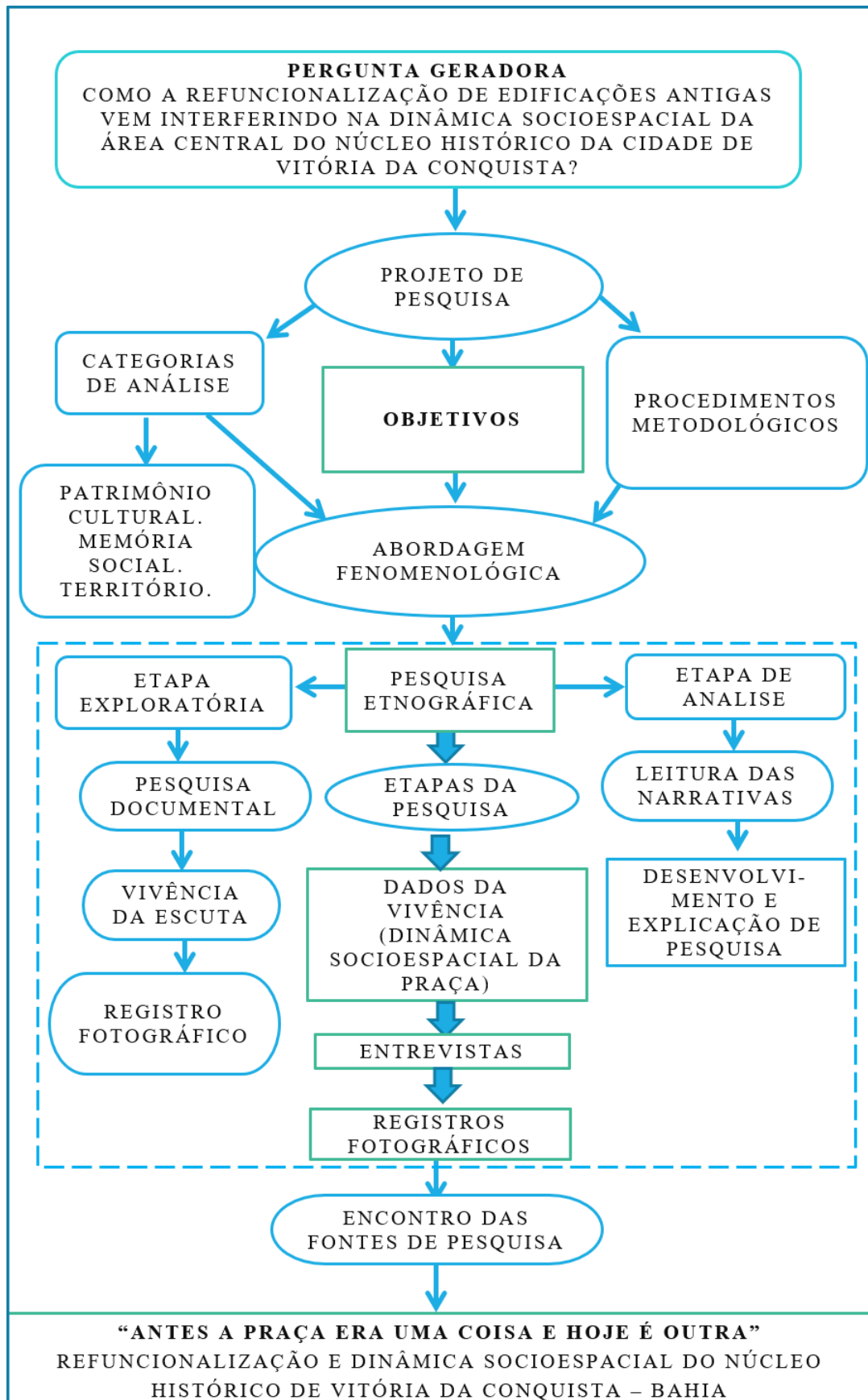
A etnografia, então, permite uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos. Como afirma Cosgrove “A Geografia está em toda parte” (1998, p. 93), sendo assim, é atividade do geógrafo observar constantemente o espaço e as relações sociais que nele, por ele e com ele acontecem. Nessa perspectiva, o trabalho de campo não se difere do exercício cotidiano do geógrafo (CARNEIRO, 2013). Como afirma Rocha, tal processo se dá

[...] a partir de uma inter-relação entre o, (a) pesquisador (a), e o (s), sujeito (s), pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas (ROCHA, 2008, p. 1).

É, senão uma sistematização desse esforço com um objetivo pré-estabelecido, por isso, além das análises críticas que existiam na bagagem de arquiteta e urbanista, foi necessário despertar esse olhar geográfico ao longo da pesquisa de campo. Os princípios da etnografia foram valiosos para a abordagem proposta para este estudo que foi dividido em três etapas: etapa exploratória, etapa de pesquisa e etapa de análise, que são detalhadas na Figura 3.



Figura 3 - Concepção teórico-metodológica da pesquisa, 2020.



Fonte: Elaboração e organização da autora (2020).

A fim de atingir os objetivos propostos, a pesquisa contou com o apoio e articulação de diferentes fontes, tais como:

- Entrevistas<sup>5</sup> semiestruturadas de caráter mais aprofundado, com sujeitos sociais que, de alguma maneira, atuaram ou atuam no processo de refuncionalização das edificações e que estão inseridos na sociedade conquistense. Nesse grupo encontram-se os administradores das edificações que foram refuncionalizadas e frequentadores do Núcleo histórico da Cidade.
- Pesquisas documentais em jornais, web gráfica, sites, blogs, revistas digitais, legislações de campos científicos que entremeiam a Geografia e a Arquitetura, tendo como foco temas referentes à relação entre patrimônio, território e memória.
- Fontes iconográficas disponíveis em acervos públicos e privados.

É inegável que a memória se organiza e se manifesta numa multiplicidade de linguagens e, por entender essa dinâmica, foi dada relevância às fontes orais, vale ressaltar que a pesquisa foi submetida ao comitê de ética e todos os entrevistados assinaram o Termo de consentimento livre e esclarecido – TCLE (modelo no apêndice C). Assim foram realizadas quinze entrevistas com frequentadores da área central do Núcleo histórico, além das entrevistas com os administradores das edificações estudadas. Os dados coletados na pesquisa de campo foram importantes para a elaboração de figuras, mapas e painéis que deram sustentação às análises e reflexões. A pesquisa de campo se estendeu também a visitas e observações que foram realizadas para analisar a dinâmica nas práticas cotidianas dos frequentadores da Praça.

Os registros fotográficos, ao longo da pesquisa de campo, foram essenciais na pesquisa. Além deles, as fontes iconográficas disponíveis em acervos públicos e privados foram imprescindíveis para a compreensão da dinâmica socioespacial do espaço em estudo. A pesquisa contou, ainda, com observações diretas e produção de mapas que se revestem de significativa importância para a análise, bem como a produção de painéis comparativos da configuração urbana em temporalidades distintas. Vale ressaltar que a pesquisa teve seu trabalho de campo executado em um ano de pandemia causada pela proliferação do vírus da

---

<sup>5</sup> Fez-se a opção metodológica de não identificação nominal dos entrevistados no corpo do texto, a caracterização dos entrevistados é apresentada apenas nos Apêndices. Eles serão referenciados por uma numeração sequencial demonstrada em um quadro que consta no Apêndice C. O roteiro das entrevistas realizadas encontra-se nos Apêndices A e B.



Covid-19 e, considerando o seu potencial transmissivo, foi necessário fazer adequações na escolha dos sujeitos sociais, assim, não foi possível entrevistar os frequentadores das edificações refuncionalizadas, pois todas se encontravam fechadas durante grande parte do período de pesquisa de campo por decreto Municipal. Diante desses ajustes, foram entrevistados os administradores dessas edificações, antes do momento da pandemia e, após o seu início, foi possível realizar apenas pesquisas com frequentadores da Praça, tomando todos os cuidados indicados, com medidas protetivas, como uso de máscara, distanciamento social e o uso de álcool em gel antes e depois de cada entrevista.

As reflexões produzidas na pesquisa foram organizadas em cinco seções. Na primeira seção, são apresentadas as reflexões introdutórias, caracterização da área de estudo e das edificações estudadas, além do embasamento teórico conceitual adotado e os aspectos metodológicos da pesquisa.

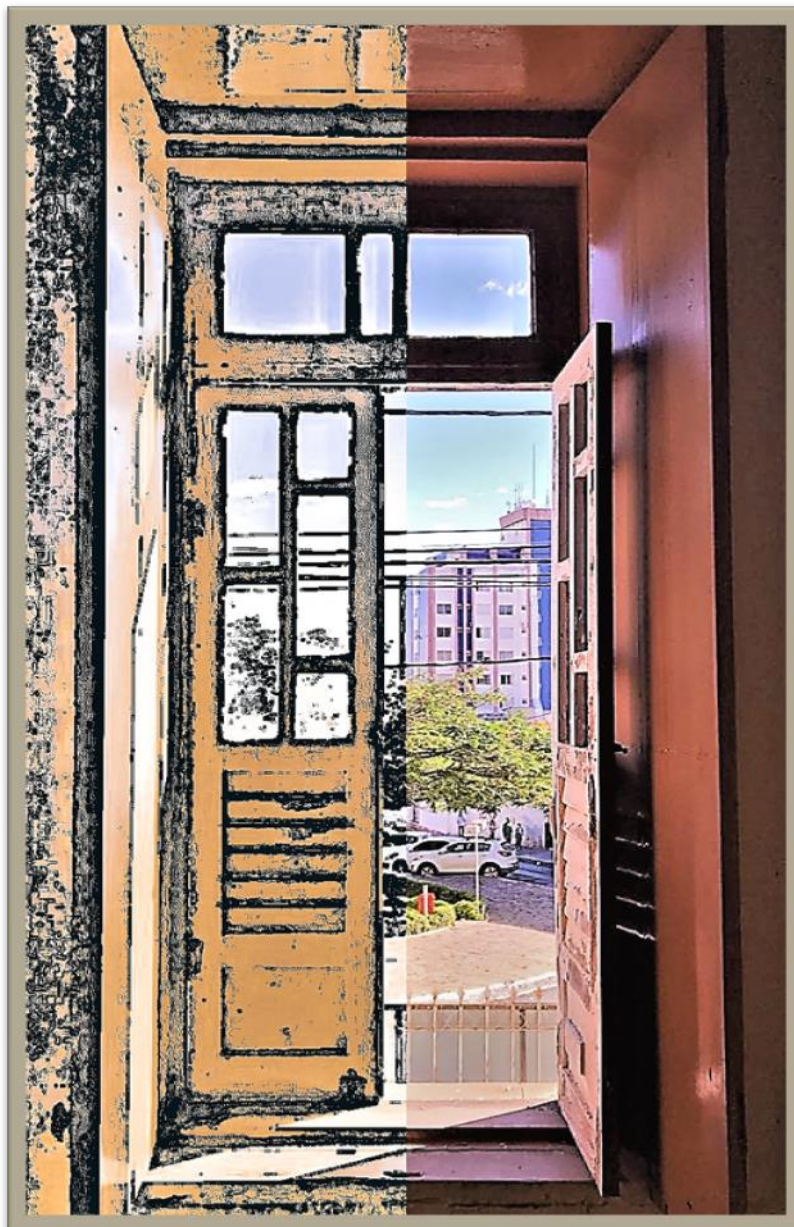
A segunda seção intitulada “O núcleo histórico conquistense: Patrimônio cultural e memória social na produção do espaço geográfico” apresenta uma narrativa cronológica da história e transformação do centro histórico da Cidade, como também um panorama teórico acerca da temática, contemplando as dimensões do patrimônio cultural, da memória social e do pertencimento identitário.

A terceira seção denominado “As nuances do território e os processos de (des)territorialização e (re)territorialização de edificações antigas” evidencia as edificações refuncionalizadas encontradas no núcleo histórico pesquisado: o Memorial Régis Pacheco, o Museu Regional de Vitória da Conquista e o Centro de Convivência do Idoso, com ênfase nas entrevistas realizadas e na análise de elementos que caracterizam a história de cada edificação.

A quarta seção “A dinâmica socioespacial do centro histórico conquistense” são apresentados os principais resultados da pesquisa com ênfase nas reconfigurações da dinâmica socioespacial do núcleo histórico da cidade.

Por fim, as considerações finais, na quinta seção, sintetizam os aspectos centrais da análise realizada com base nas questões inicialmente formuladas e que representaram o percurso da pesquisa.

## DO CASARÃO PARA A PRAÇA ...



Fonte: Da janela do Casarão Ao lado do Memorial. Elaboração da autora (2020).

*Para bem restaurar, é necessário amar e entender o monumento, seja estátua, quadro ou edifício, sobre o qual se trabalha.... Ora, que séculos souberam amar e entender as belezas do passado? E nós, hoje, em que medida sabemos amá-las e entendê-las?*

*(Camillo Boito)*

## 2 O NÚCLEO HISTÓRICO CONQUISTENSE: PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA SOCIAL NA PRODUÇÃO DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

---

*Ainda que a memória seja muitas vezes entendida numa perspectiva do passado, ela é uma construção social e, como tal, eminentemente transformável.*

*(Jô Gondar)*

O patrimônio é um legado que a humanidade recebe de seus antepassados e que deve ser transmitido às gerações futuras (UNESCO, 2007). Por muito tempo, o patrimônio foi caracterizado por uma edificação isolada permeada por valores estéticos, artísticos e memoriais. Segundo Choay (2006), a primeira ideia de patrimônio, baseada em valores europeus, considerava somente os monumentos. Em outro momento, os conjuntos arquitetônicos urbanos passam a ser considerados como patrimônio, ultrapassando os valores estéticos e artísticos, passaram a ser considerados também os seus valores históricos, científicos e, ainda, turísticos (FERNANDES, 2014).

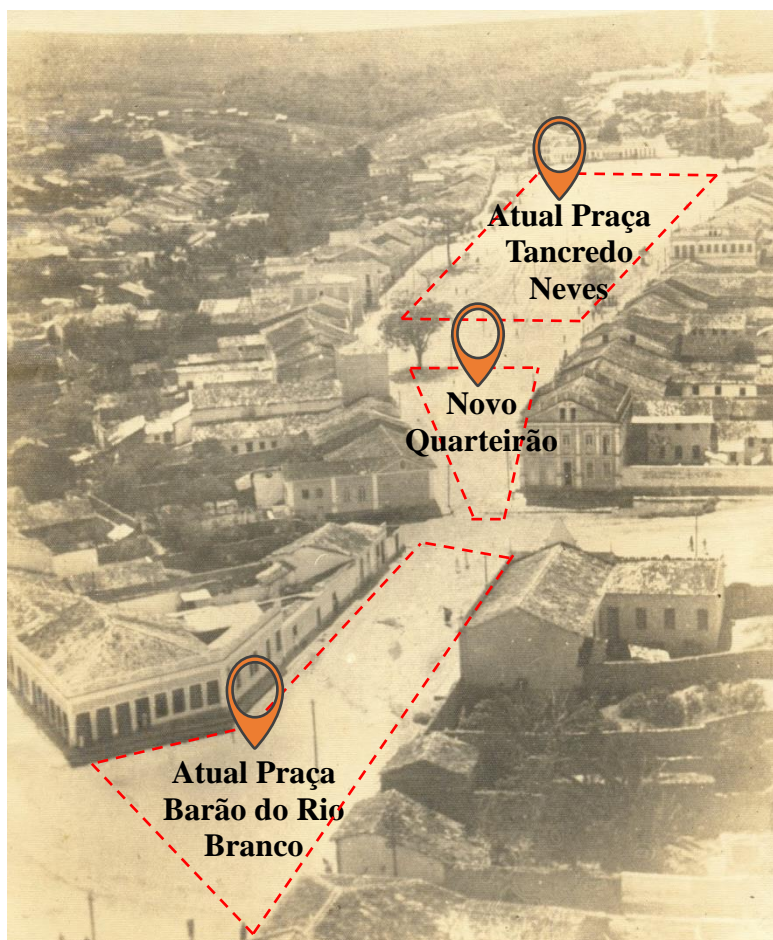
Um espaço de história significativa provoca sentimentos e sensações nos sujeitos sociais, e faz reviver momentos e fatos vividos que fundamentam e explicam a realidade presente. O conjunto de edificações que nos rodeiam, assim como o espaço em que estão inseridas, funcionam como elementos ativadores desse processo no qual memória e identidade são construídas e reafirmadas permanentemente. Lugares, edificações e monumentos podem despertar essa memória que, em sua materialidade, são capazes de explicar a forma de vida daqueles que, no passado, vivenciaram o espaço e, no presente, ainda estabelecem contato com eles, seja vivenciando-os ou guardando lembranças. Cada edificação, portanto, carrega em si não apenas o material de que é composto, mas toda uma gama de significados e vivências ali experimentados (LEFEBVRE, 2006).

### 2.1 ESPAÇO-TEMPO: O NÚCLEO HISTÓRICO CONQUISTENSE

Considera-se que o núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista, a Praça Tancredo Neves e seu entorno imediato, é fundamental para a compreensão desse lugar, mais do que a da forma ou da paisagem em si. A Praça Tancredo Neves está situada no centro da cidade, localizada no seu ponto de partida, onde antes existia a Rua Grande, primeira rua da cidade, local que foram construídas as primeiras edificações (FERRAZ, 2001). Na década de

1940, a Rua Grande sofreu uma profunda modificação, dividindo-se em duas Praças: a Praça da República ou Jardim das Borboletas, atual Praça Tancredo Neves, e a atual Praça Barão do Rio Branco que foram intercaladas por um quarteirão de lotes, com duas ruas: Rua Maximiliano Fernandes e Rua Zeferino Correia, conforme demonstra a Figura 4.

Figura 4 - Antiga Rua Grande com projeção da configuração atual existente, 2021.



Fonte: Fotos de Vitória da Conquista – 1900s/1980s. Wordpress. Editado pela autora (2020)<sup>6</sup>.

A Rua Grande se enquadrava no conceito de praça, mesmo sem possuir essa denominação e era nesse espaço que ocorria a feira livre aos finais de semana. Nesse mesmo local, eram realizadas as atividades comerciais da época, onde atualmente se localiza a Igreja Matriz. Segundo Sousa:

É importante ressaltar que a existência de uma igreja num pequeno povoado em princípios do século XIX revestia-se de representação muito maior que um simples espaço para orações. Edificavam-se igrejas no centro das

<sup>6</sup>Montagem realizada a partir de imagem retirada do site wordpress. Disponível em: <https://fotosdevitoriaadaconquista.wordpress.com/tag/rua-grande/>. Acesso em: 25 jul. 2020.

povoações, na praça principal, onde a população se reunia após os ofícios religiosos, em ocasiões cívicas ou festivas e também desenvolvia o comércio (SOUSA, 2001, p.79).

Como discorre Sousa (2001) a respeito dos pontos de confluência existentes em frente as igrejas centrais de cidades em seu início de formação, as feiras livres foram, no passado de Conquista, a maior fonte de riquezas para muitos comerciantes e negociantes (Figura 5).

Figura 5- Rua Grande em dia de feira entre as décadas de 1920 e 1930.



Fonte: Blog do Anderson (2015)<sup>7</sup>.

Segundo dados da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC, 2012), no ano de 1803, foi iniciada a construção da capela em homenagem à Nossa Senhora das Vitórias. Como discorre Sousa:

O surgimento de capelas no Brasil colonial foi fundamental para a fixação de muitos núcleos urbanos. Em algumas localidades parece que o viés religioso se sobrepôs ao econômico. No caso do arraial da Conquista, a construção da igreja Nossa Senhora da Vitória serviu como ponto de aglutinação dos seus moradores. Para uma breve discussão sobre a importância do fator religioso na formação das cidades mineiras setecentistas (SOUSA, 2001, p.87).

---

<sup>7</sup>Disponível em: <http://www.blogdoanderson.com/2015/07/02/taberna-da-historia-a-primeira-feira-livre-de-conquista-foi-a-da-rua-grande/>. Acesso em: 18 jun. 2020.



Na década de 1920, a capela com estilo colonial foi demolida e iniciaram-se as obras da catedral existente na cidade atualmente. Muitas igrejas coloniais foram demolidas para dar espaço a outras com estilo mais imponente e exuberante, em maior dimensão, como aconteceu em Vitória da Conquista. A Figura 6 demonstra a capela antes da demolição.

Figura 6- Igreja Matriz de Vitória da Conquista, cuja construção foi iniciada em 1803 e demolida em 1932.



Fonte: Acervo público Municipal de Vitória da Conquista (1920).

A fim de evidenciar uma arquitetura mais imponente, o neogótico religioso foi o estilo escolhido para a nova Catedral, suas obras foram concluídas e a Catedral foi inaugurada em 1944. A rigor, em terras brasileiras, o padrão estético e arquitetônico neogótico fora largamente utilizado a partir do século XIX. Isso porque diversas construções seguiram essa vertente, congregando algumas características do Gótico medieval em contraste com os estilos clássicos dominantes na época. O templo faz parte da atual Praça Tancredo Neves, agrega valor ao espaço, por isso, deve ser preservada e considerada patrimônio histórico da cidade, pois contribui, entre tantos elementos, na formação do centro cultural e urbano (Figura 7).

Figura 7- Catedral Nossa Senhora das Vitórias, 2016.

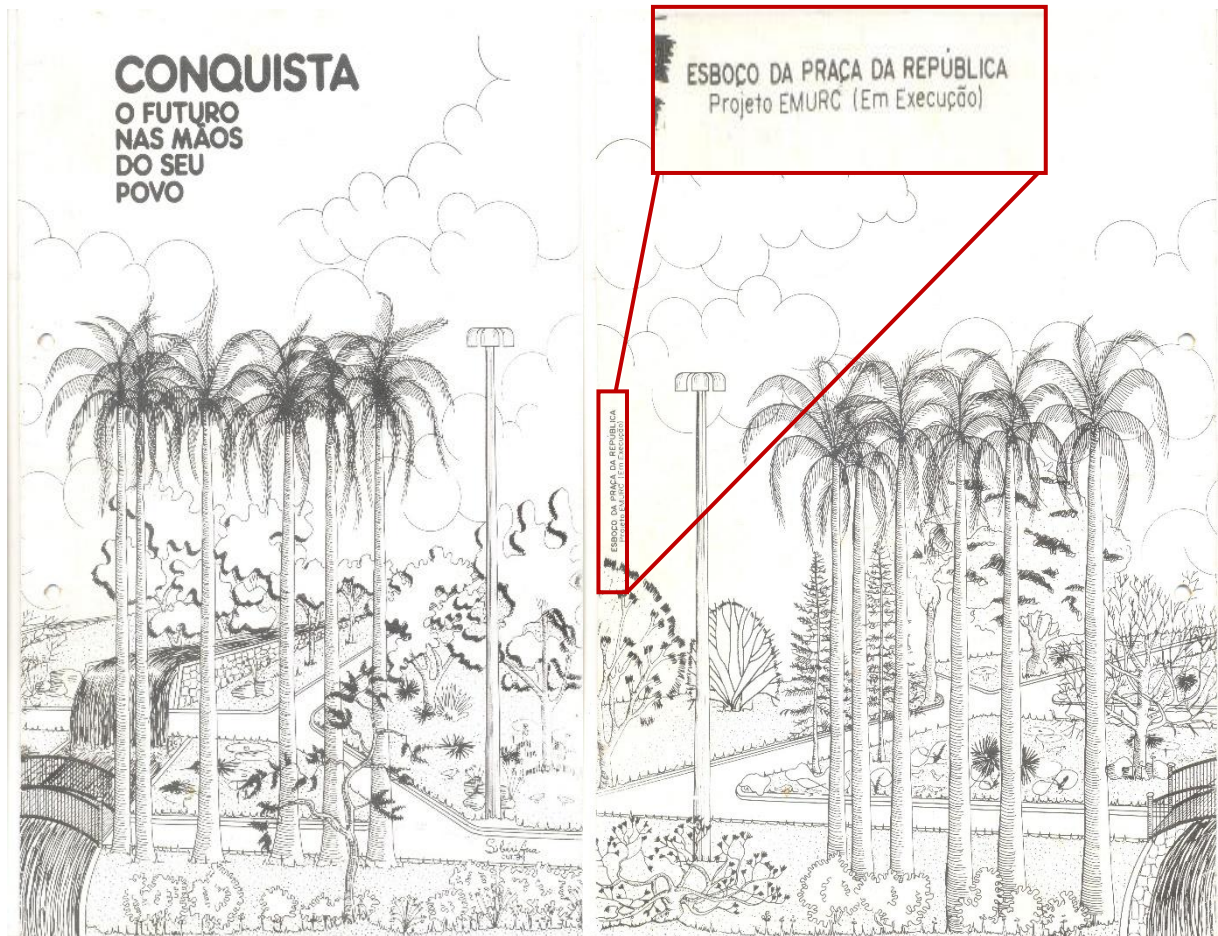


Fonte: Acervo Municipal de Vitória da Conquista (2016).

A catedral está posicionada na parte superior na atual Praça Tancredo Neves. A Praça já teve várias configurações estruturais, assim como denominações diferentes. Após a divisão da Rua Grande, foi inaugurada a Praça da República, década de 1940. Considerada a primeira praça da cidade, exerceu um importante papel, responsável por abrigar circos, desfiles escolares, comícios, além de se constituir como espaço de visitação e lazer para centenas de pessoas.

O projeto e execução da nova Praça foram realizados pela Empresa Municipal de Urbanização de Vitória da Conquista (EMURC), instituição pública com personalidade jurídica de direito privado, criada em 23 de novembro de 1977, com o objetivo de implantar planos urbanísticos, executar e fiscalizar serviços de caráter econômico, podendo realizá-los também nos municípios vizinhos pertencentes à região administrativa de Vitória da Conquista e sede (PMVC, 2020a). A figura 8 apresenta um esboço do projeto da Praça da República.

Figura 8 - Esboço da Praça da República, 1940.



Fonte: Arquivo Municipal de Vitória da Conquista. Documento oficial da EMURC (1940). Editado pela autora (2020).

No croqui da Praça da República, é possível notar características presentes ainda hoje na atual Praça Tancredo Neves, como as palmeiras, a ponte e a cascata. Em 1956, foi inaugurado na Praça da República o Jardim das Borboletas (Figura 9), iniciativa do Prefeito Edvaldo Flores.



Figura 9 - Jardim das Borboletas, 1957.



Fonte: Fotos de Vitória da Conquista (1957) Wordpress.<sup>8</sup>.

Além do Jardim, existiam também na praça elementos que ainda hoje persistem na memória dos cidadãos, como a biblioteca infantil Monteiro Lobato, construída em frente à Catedral Nossa Senhora das Vitórias, parque infantil localizado atrás da biblioteca, a famosa fonte luminosa, a cidade dos pássaros e um viveiro onde eram criadas dezenas de aves para observação da população que visitava a praça. Esse antigo viveiro ficou famoso como “zoológico da Praça” e foi enfatizado por um entrevistado ao ser questionado quanto às suas memórias da Praça:

A Praça mudou muito porque antigamente essa Praça era um zoológico, ai no tempo de J. Pedral ele veio modernizar ela e fazer dela uma atração turística. Mas segundo a história nos conta era um cemitério de índios, que foram exterminados por bandeirantes. Segundo minha mãe falou ela passava por aqui na década de 60 e era um zoológico, ai Pedral quis modernizar, e virar um ponto turístico. Considero a Praça como ponto turismo e cartão postal da cidade. Recordo dela quando eu era muito novo, ainda menino, dessas Palmeiras, só existia elas, era tudo limpo, tipo um campo, nessa época já não existia mais o zoológico.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup>Disponível em: <https://fotosdevitoriaaconquista.wordpress.com/tag/jardim-das-borboletas/>. Acesso em: 18 jun. 2020.

<sup>9</sup>Entrevistado n. 06, fotógrafo na Praça Tancredo Neves há 26 anos. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em novembro de 2020.

No ano de 1985, José Pedral, então prefeito da cidade, reformou o antigo jardim (Figura 10) dando início à construção da atual Tancredo Neves, que levou o nome do Presidente do Brasil da época, posteriormente.

Figura 10 - Reforma do Jardim das Borboletas, 1985.



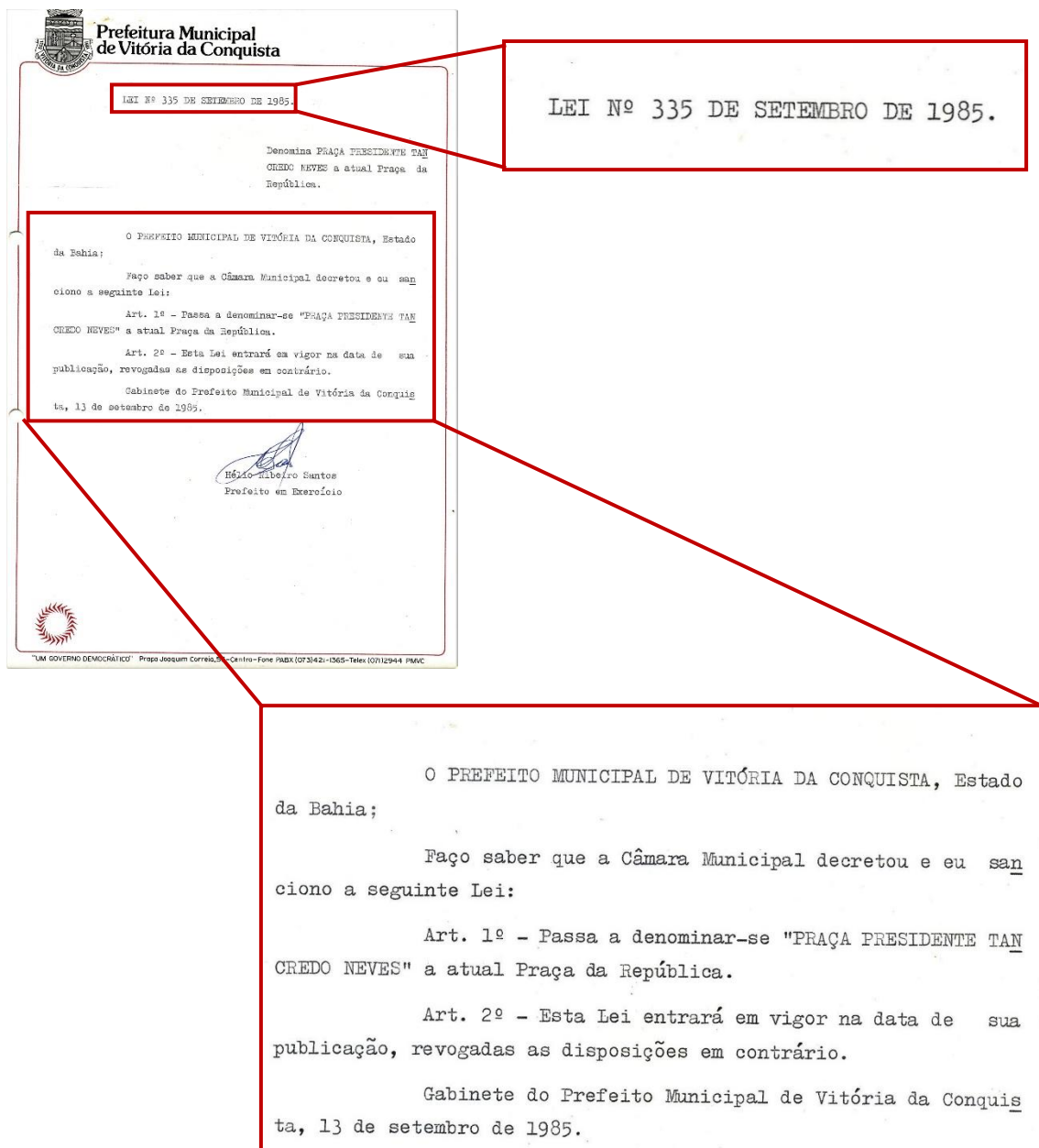
Fonte: Fotos de Vitória da Conquista (1985). Wordpress.<sup>10</sup>

A modificação do nome da Praça da República para Praça Tancredo Neves foi decretada pela Lei Nº 335 de setembro de 1985 apresentada na Figura 11.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://fotosdevitoriaadaconquista.wordpress.com/tag/jardim-das-borboletas/>. Acesso em: 14 jan. 2021.

Figura 11 - Lei Nº 335 de setembro de 1985 que altera o nome da Praça da República para Praça Presidente Tancredo Neves.



Fonte: Arquivo Municipal de Vitória da Conquista. Editado pela autora (2020).

A inauguração da nova Praça aconteceu no dia 09 de novembro de 1985, aniversário de emancipação política, feriado municipal. Foi um grande evento caracterizado por comemorações. O acontecimento foi matéria no Jornal Tribuna do Café, em uma edição especial ao aniversário da cidade, como se pode observar no Painel 1.

Painel 1 - Matéria do Jornal Tribuna do Café e fotos do evento de inauguração da Praça, 1985.



Fonte: Arquivo Municipal de Vitória da Conquista (1985). Elaboração e organização da autora (2020).

Ao relatar sobre os processos de reforma e modernização da Praça, a administradora do Museu Regional, funcionária da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), desde o ano de 1996, nascida na cidade de Vitória da Conquista, relembra momentos da sua infância vividos na Praça:

[...] o jardim das borboletas, que trazia visitantes que não morava aqui na praça, tinha uma biblioteca infantil, eu morava no bairro Brasil mas minha mãe trazia a gente para a biblioteca, **então trouxe um fluxo de pessoas que não morava aqui nos arredores**, depois acho que a outra grande modificação foi a praça Tancredo Neves, porque essa praça com esse apelo mais moderno, chamou muita atenção da população, a própria inauguração da praça, porque o jardim das borboletas era como se fosse ultrapassada, embora eu achasse a praça linda e que ela precisasse ser apenas revitalizada, ela era muito mais espaçosa, tinha muito mais espaço de convivência, as estatuas antigas ainda estão aqui no quintal, para serem restauradas, felizmente não foram destruídas<sup>11</sup>. (grifos nossos)

De acordo com a narrativa, nota-se que a dinâmica socioespacial do núcleo histórico vem sendo alterada há muito tempo, desde a implantação de atrativos na Praça, como a biblioteca, dentre outros. Esses equipamentos da Praça, como a biblioteca, o zoológico, entre

<sup>11</sup> Entrevistada n. 03, Coordenadora do Museu Regional de Vitória da Conquista - Casa Henriqueta Prates. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

outros foram demolidos ou deixaram de existir quando o Jardim das Borboletas foi reconfigurado, dando lugar a nova configuração da atual Praça Tancredo Neves. É relevante estudar as edificações considerando o patrimônio arquitetônico, as ruas que delimitam esse lugar e que lhe servem de cenário decorrente dessa formação espacial (MATTOS, 2007).

Como destaca Braga:

O Patrimônio Arquitetônico representa o espaço físico, material, que serve de base para as diversas formas de manifestação cultural, tanto aquelas que possuem características específicas (dança, culinária etc), reconhecidas como Patrimônio Imaterial, quanto aquelas que não possuem um elemento de definição e classificação. Estas se estabelecem a partir da vivência cotidiana, relação de proximidade e pertencimento a um determinado território que se dá pelo convívio e que constitui a Identidade Cultural (BRAGA, 2013, p. 81).

Dessa forma, reafirma-se a importância do patrimônio arquitetônico edificado, como um elemento de relevância na atualidade no sentido de fomentar a ideia de um pertencimento social e cultural, de um vínculo histórico advindo das relações constituídas no passado e no presente. Por meio de intervenções e requalificações, se faz necessário buscar compreender os usos dos patrimônios no presente, o que ocorre em diversos centros urbanos, responsáveis por reconfigurações na dinâmica socioespacial desses lugares que também implicam uma série de transformações e reproduções do espaço, considerando que o espaço geográfico é um produto e uma condição da sociedade (LEFÈBVRE, 2006).

De acordo com Carlos (1996), o espaço geográfico se revela em algumas dimensões, sendo elas a concreta e a abstrata. Nesse contexto, o homem se coloca como sujeito, no centro da discussão do espacial, assim “[...] a sociedade produz o espaço e, ao fazê-lo, revela uma profunda contradição [...] entre um processo de produção, que é socializado, e a apropriação do espaço, que é privada” (CARLOS, 2011, p.68). O espaço somente é produzido pela interação da produção material, dos saberes e dos sentidos, formando uma unidade dialética e contraditória. A cidade é, portanto, uma experiência em constante movimento, marcada por experiências que permitem que seus habitantes a utilizem e se apropriem dela em suas práticas cotidianas.

## 2.2 DIMENSÕES DO PATRIMÔNIO CULTURAL

A discussão do patrimônio cultural no âmbito da Geografia se constitui em um desafio na pesquisa. Neste estudo, parte-se do pressuposto que o patrimônio cultural se apresenta



como um componente imprescindível para a análise da organização espacial, que pode ser entendido por meio da funcionalidade e dos significados que o patrimônio cultural revela ao longo da história e das mudanças que ocorreram da sua origem até o presente. Tal desafio se tornou cada vez mais instigante, pois essa linha de análise possibilita discutir a dinâmica e a produção de territórios (MONASTIRSKY, 2009).

Grosso modo, o grande público ainda compreende o patrimônio histórico cultural como um objeto congelado no passado, paralisado em museus, monumentos arquitetônicos e obras de arte, preservados em meio à paisagem urbana, abrigando documentos que interessam apenas a historiadores. Em razão disso, o entendimento aqui defendido é que a noção de patrimônio deve evocar tanto as múltiplas dimensões da cultura, quanto as imagens vivas de um passado: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas para a sociedade.

Compreende-se que em todo o Brasil há um número muito grande de edificações e obras artísticas de relevância regional. Porém o conjunto desses bens culturais, de valor relativo no plano nacional, pode, ainda assim, ser facilmente condenado ao abandono, à destruição ou à descaracterização. Esse problema deve ser resolvido não apenas com o tombamento<sup>12</sup>, mas também com a estima da população que deve zelar pelo seu patrimônio. Como bem assevera Reis Filho (1978, p. 200): “Todo povo tem seu patrimônio de cultura, que deve aprender a conhecer e a utilizar”. Se a população conhece o seu patrimônio e cria afeição por ele, será mais fácil conservá-lo e valorizá-lo de forma cultural.

Para categorizar ou reconhecer um espaço ou lugar como patrimônio cultural de um determinado povo ou local, é necessário conhecer a história da formação desse espaço, as mudanças experimentadas ao longo do tempo e as razões das transformações, ou seja, a história desse lugar através do tempo, “[...] aquilo, por exemplo, que chamamos de bens culturais não tem em si sua própria identidade, mas a identidade que os grupos sociais lhe impõem” (MENESES, 1996, p. 93). É relevante estudar os monumentos, no caso específico desta pesquisa, as edificações refuncionalizadas, considerando o patrimônio arquitetônico, as ruas que delimitam esse espaço e que lhes servem de cenário decorrente dessa formação espacial (MATTOS, 2007).

Nesse sentido, o patrimônio arquitetônico está relacionado não apenas com o passado e a memória, mas também com a vida dos moradores da cidade (OLIVEIRA, 2002, p. 11).

---

<sup>12</sup> O tombamento é um ato administrativo regulado pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937 que organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. O tombamento é realizado pelo Poder Público nos níveis federal – de responsabilidade do Iphan, estadual ou municipal e aplica-se, exclusivamente, aos bens de natureza material ou ambiental.

Logo, os movimentos da estrutura social e sua dinâmica apresentam, constantemente, necessidades novas, novos valores e, com isso, redefinem a organização do espaço.

### 2.3 MEMÓRIA SOCIAL E O PERTENCIMENTO IDENTITÁRIO

Por se tratar de um conceito caro ao pensamento humanista na Geografia, a memória também pode apontar para uma nova compreensão do espaço. E, nessa direção, as construções são entendidas como importantes aportes na formação da identidade dos sujeitos sociais quando produzem um espaço histórico. Quando a memória é acionada, há o despertar de recordações de acontecimentos coletivos ou pessoais que ocorreram naquele lugar assegurando, assim, a sensação de pertencimento à cultura de um espaço e um tempo histórico.

Pode-se destacar a memória como importante dimensão do patrimônio, pois os estudos dos patrimônios tangíveis e intangíveis possibilitam conhecer aspectos do passado, dos modos de vida, das questões socioeconômicas e políticas de cada época e de cada sociedade. Nesse caso, o patrimônio se configura como um lugar de memória:

Nora (1993) utiliza a expressão lugar de memória para se referir aos locais valorosos em que se constrói a identidade individual e coletiva. Considera, assim, que os lugares de memória se constituem em lugares físicos de lembrança sobre o passado, com o papel de estabelecer laços de continuidade entre o passado e o presente, portanto, equivalem à necessidade da preservação das memórias coletivas, sem as quais a vida estancaria num eterno presente. Com esse entendimento, a sua preservação torna-se essencial nos processos de construção identitária<sup>13</sup> de uma sociedade, pois “[...] a profusão de locais de memória oferece uma garantia real contra o esquecimento” (JEUDY, 2005, p. 15).

Para Nora (1993, p.25) “A memória perdura-se em lugares, como a história em acontecimentos”, ou seja, para o autor, a memória e a história são antônimas. Enfatiza, ainda, uma relação estreita entre memória e lugar, e ainda afirma que os lugares de memória são como restos<sup>14</sup>, fragmentos do passado que possuem uma representatividade própria e uma identidade única.

---

<sup>13</sup> O termo identitária usado nessa dissertação é relativo à identidade, considerando as bases conceituais inerentes a identidades sociais, relacionado às características comuns de indivíduos de determinada comunidade (usos e costumes, tradições, estilos de vida, estruturas familiares, preferências e vivências artísticas e estéticas etc).

<sup>14</sup>Nora conceitua restos como fragmentos herdados dissonantes de que as cidades são feitas.

A memória se faz presente em todos que se identificam ou não com o passado, podendo ter este sujeito, concebido, vivido ou percebido<sup>15</sup>aquele espaço em um dado momento, despertado por lugares e edificações, memórias capazes de relembrar histórias vividas e trazer sentimentos de identidade e pertencimento àquele lugar, pois, “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, [...]” (LE GOFF, 1990, p.410). É essencial que o conceito de memória social seja devidamente considerado nos estudos geográficos e urbanísticos, principalmente quando dizem respeito aos lugares carregados de memória, apropriadamente patrimonializados pelo valor simbólico que representam. A memória social contribui para escrever e reescrever a história juntando fragmentos de um passado comum a todos (HALBWACHS, 1990). A arquitetura e o espaço estão relacionados diretamente com o patrimônio e a memória, sendo que a síntese desses elementos contribui para uma construção de identidade social do centro histórico. Sendo assim:

É preciso assegurar a esses espaços a memória histórica e social do lugar, podendo até haver uma ligação harmônica entre o novo e o velho, contanto que os fatos passados sejam preservados, principalmente os que são entendidos e reconhecidos como identidade cultural de um povo (ROCHA, 2013, p.83).

Sob este aspecto, a produção de um núcleo histórico pode ter novas intervenções, porém sempre resguardando a preservação do Patrimônio Edificado e da Identidade Cultural fundada na vivência do morador com a área, estimulando o sentimento de pertencimento. Por isso a reconstrução da memória e dos referenciais culturais é uma demanda social tão importante quanto qualquer outra a ser atendida pelo poder público.

## 2.4 O PATRIMÔNIO CULTURAL E A VISÃO GEOGRÁFICA DE RUGOSIDADE

Ao longo da história, as ações humanas e as sociedades vão imprimindo suas construções e registrando suas atividades, seus costumes, suas tecnologias e suas culturas no espaço geográfico. Muitas dessas construções materiais ainda existem até os dias atuais e

---

<sup>15</sup> Essa relação é evidenciada por Lefèbvre (1991 [1974]) ao formular o conceito de espaço social, considerando-o como uma produção, para ele, o vivido, o percebido e o concebido são as três dimensões do espaço. “Para operar com ele é preciso ir discernindo três níveis do real: o **percebido**, o **vivido** e o **concebido**, em cuja assincronia se apreciariam confrontos e conflitos, o movimento do **devir**” (SEABRA, 1993, p. 9, grifos nossos).



carregam consigo histórias, memórias e marcas que foram conservadas durante o tempo. Essas marcas são denominadas por Santos (2006) de rugosidades do espaço geográfico. Refere-se a algo que ficou no passado, “[...] o que resta do processo de supressão acumulação, superposição [...] apresentadas de forma isoladas ou como arranjos” (SANTOS, 2006, p.113). É nada mais que uma metáfora para análise da materialização dos tempos passados na forma do presente.

Na maioria dos casos, essas construções, como prédios antigos, têm hoje novas funções, diferentes daquelas para as quais foram edificadas, ou seja, passaram pelo processo de refuncionalização. É possível que, desde sua construção até os dias atuais, tenham tido ainda outras diferentes funções. Não se trata apenas de dados da materialidade, mas também de experiências coisificadas, de história materializada no espaço (FURQUIM, 2012). Como destaca Alves:

A rugosidade como elemento fundamental de compreensão geográfica nos remete a outras reflexões no movimento do mundo, que exigem um esforço para entendê-las, como as obras arquitetônicas, que nos impressionam sobre as suas formas, mas nos inquietam quanto às suas funções, ao seu uso e à sua verdadeira intenção (ALVES, 2017, p. 32).

Assim, buscou-se um diálogo das rugosidades com os estudos sobre patrimônio cultural e suas funções, levando em conta os processos de territorialização, preservação e memória tanto trazidas pelos sujeitos sociais quanto pela história, pela arquitetura e pelo urbanismo, para uma discussão que busca compreender a reconfiguração da dinâmica socioespacial por meio da reconfiguração de edificações, num dado lugar. Partindo do pressuposto de que o patrimônio das cidades decorre das rugosidades, pode-se refletir que, no contexto do mundo atual, há ainda muito que se estudar nessa linha de pesquisa. Em um estudo geográfico, para se tratar de patrimônio como objeto de pesquisa, é preciso compreendê-lo por meio das categorias de análise geográfica, à luz da sua história concreta. Sendo assim, é fundamental distinguir o patrimônio das rugosidades e essa compreensão passa pelo reconhecimento dos usos do território que permitem abordar o debate com o sentido geográfico (ALVES, 2017). Santos explora o conceito de rugosidade considerando-o também como o

[...] que fica do passado como forma, espaço construído, paisagem, o que resta do processo de supressão, acumulação, superposição, com que as coisas se substituem e acumulam em todos os lugares. As rugosidades se apresentam como formas isoladas ou como arranjos (SANTOS, 2006, p.92).

Nesse sentido, as rugosidades não são apenas elementos físicos, mas se constituem também em marcas das relações que se conectam com o passado histórico, a memória e a identidade. O conceito de rugosidades foi de extrema importância para a abordagem da refuncionalização de edificações no âmbito da Geografia, pois sugere que, conforme o efeito das forças da modernização, na maioria das vezes associadas a interesses econômicos e culturais, as formas e funções de um determinado período do passado, que possuíam uma finalidade específica, podem ter sua função inicial modificada pelo tempo (SABINO; SIMÕES, 2013). Como enfatiza Santos “[...] formas antigas permanecem como a herança das divisões do trabalho no passado e as formas novas surgem como exigência funcional da divisão do trabalho atual ou recente” (SANTOS, 1982, p. 42).

Para Souza (2019), a junção de rugosidade e memória se configura na essência do conceito de patrimônio na ciência Geografia. Assim, pode-se afirmar que a conexão das marcas com a lembrança é o que conceitua o patrimônio cultural. Sendo essas marcas e lembranças entendidas como Patrimônio material e imaterial respectivamente.

## DO MUSEU PARA A PRAÇA...



Fonte: Da janela do Museu Regional. Elaboração da autora (2020).

*[...] pois a casa é nosso canto no mundo. Ela é, como se diz  
frequentemente, nosso primeiro universo*

*(Gaston Bachelard)*

### 3 AS NUANCES DO TERRITÓRIO E OS PROCESSOS DE (DES)TERRITORIALIZAÇÃO E (RE)TERRITORIALIZAÇÃO DE EDIFICAÇÕES ANTIGAS

---

*As casas guardam zelosamente histórias de vida e ofícios.  
Estão impregnadas de sons e cheiros.*

*(Heleusa Figueira Câmara)*

Na Geografia, a categoria território é definida por meio de diversos fundamentos e percepções que foram compilados por Haesbeart (2004) em três vertentes ou dimensões de análise: política, econômica e cultural. Considerando essas concepções de território, definiu-se essa categoria de análise geográfica como base conceitual para dar suporte à fundamentação teórica da pesquisa, considerando a refuncionalização como um processo de apropriação ou reterritorialização.

Partindo da abordagem teórica proposta por Bresciani (1992, p. 06), é possível identificar “cinco portas de entrada conceituais” para estudar as transformações das cidades, que “[...] se estruturam enquanto problemas a serem solucionados pontualmente”. A autora define as seguintes portas conceituais: a questão técnica, a social, o espaço de formação de novas identidades sociais, a formação de uma nova sensibilidade e a cidade conceitual como sinônimo de progresso e lugar da história. A terceira porta, o espaço de formação de novas identidades sociais, nos possibilita pensar a cidade como o espaço de formação das “novas identidades sociais”. No processo de transformação social, em particular na ascensão da classe burguesa no final do séc. XIX, os territórios urbanos vão ser reformulados e reconcebidos para instituírem uma nova forma de apropriação do espaço que reflita a consolidação de uma nova classe dominante.

Seguindo a linha da arquiteta e urbanista Rolnik (1986), pode-se admitir que território é uma noção que incorpora a ideia de subjetividade, pois reflete um espaço real vivido, ocupado por indivíduos que estabelecem entre si relações que se configuram espacialmente (CALDEIRA, 2007). Conforme Guattari e Rolnik (1986, p.323): “O território pode ser relativo, tanto a um espaço vivido quanto a um sistema percebido no seio do qual um sujeito se sente em casa”. Com base nessa conceitualização, a utilização dessa categoria na pesquisa possibilitou tratar a edificação, casa, museu ou centro de convivência, como um território. Assim, em qualquer acepção, território tem relação com poder, mas não apenas referindo-se ao tradicional poder político, diz respeito tanto ao poder no sentido mais concreto de

denominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico de apropriação, as edificações que foram (re)apropriadas, tornam-se território de um outro indivíduo (HAESBAERT, 2004).

É possível considerar, então, o território como um recorte espacial, definido por relações de apropriação, de poder e de controle sobre recursos e fluxos baseado em aspectos políticos, econômicos e culturais. Como enfatizam Fuini e Cabral (2014, p.228): “O território contém formas diversas de apreensão e de manifestação individual e coletiva de um Estado, grupo cultural, classe social ou atividade econômica”. Considerando os lugares de memória inseridos em territórios com diferentes nuances, o processo de refuncionalização poderia ser equivalente ao conceito de (re)territorialização que, por sua vez, “[...]compreende o movimento de reconstrução e retomada de laços de identidade e inserção territorial sob novas bases de qualificação” (FUINI; CABRAL, 2014, p. 7). O processo de territorialização, segundo Santos, pode ser definido como:

Ação, movimento ou processo de construção e criação de territórios pela apropriação, uso, identificação, enraizamento com determinadas extensões do espaço por lógicas políticas, econômicas ou culturais. É também sinônimo de qualificação ou organização territorial. Criação de estruturas político-administrativas e projetos estatais; ação de empresas e grupos de empresas em áreas mais ou menos planejadas, em centros urbanos ou em suas periferias; grupos e individuais que passam a definir um cotidiano e criam um sistema de relações com um lugar, por força do trabalho, necessidade de sobrevivência, moradia, da cultura-tradição etc (SANTOS, 2019, p. 32).

Na análise do território, Santos (2005 p.138) considera que “[...] é o uso do território, e não o território em si mesmo, que faz dele objeto de análise social”. Como sugere Saquet (2004, p. 128), “O território é apropriado e construído socialmente, fruto do processo de territorialização” assim como o espaço, ele é produzido pelo sujeito social. O pertencimento a um determinado território cria valores vinculados a esse espaço que se torna constituído pelos sujeitos e por suas relações, por isso podemos considerar o território como processo de formação contínua (SANTOS, 2015). Nesse sentido, “É a ideia do espaço como marca, como expressão, como assinatura, como notação das relações sociais, como cartografia das relações sociais.” (ROLNIK, 1992, p.28). O território possui duas dimensões de análise, a material e a imaterial. Como destaca Haesbaert (2004):

O território é funcional a começar pelo território como recurso, seja como proteção ou abrigo (“lar” para o nosso repouso), seja como fonte de “recursos naturais” – “matérias-primas” que variam em importância de

acordo com o(s) modelo(s) de sociedade(s) vigente(s) (HAESBAERT, 2004, p.03).

É considerando essa vertente do conceito de território que denominamos as edificações refuncionalizadas como novos territórios, pertencidos, habitados e usados anteriormente por famílias que construíram seus laços simbólicos da convivência diária, entre almoços, jantares e reuniões familiares carregados de afetos e que hoje dão espaço a novos tipos de relações, sejam elas dos funcionários dos museus, dos visitantes, dos seguranças públicos, dos novos proprietários. Enfim, as territorialidades podem ser ativadas e desativadas graças à construção e reconstrução de identidades, bem como dos novos usos e funções que são atribuídas a determinados lugares.

A identidade territorial é construída por meio dos processos de territorialização (des)territorialização e (re)territorialização. “Simultaneamente, à (des)territorialização é dada a (re)territorialização, são processos intimamente ligados na dinâmica socioespacial” (SAQUET, 2003, p. 39). Logo, a territorialização é o efeito de uma estratégia para tomar posse de um espaço geográfico. A (des)territorialização é o abandono espontâneo ou forçado da territorialização (SOUSA, 2008). Como afirma Tomlinson:

[...] é importante enfatizar que a desterritorialização não é um processo linear, de mão única, mas um processo caracterizado pelo mesmo push-and-pull dialético da própria globalização. Onde existe desterritorialização há também reterritorialização. [...]desterritorialização é uma condição ambígua que combina benefícios e custos com várias tentativas de restabelecer uma "casa" cultural. [...]todos nós estamos, como seres humanos, corporificados e fisicamente localizados. Neste sentido material fundamental, os vínculos da cultura com a localização podem nunca ser completamente rompidos e a localidade continua a exercer suas reivindicações por uma situação física no nosso mundo vivido. Assim, a desterritorialização não pode significar o fim da localidade, mas sua transformação em um espaço cultural mais complexo (TOMLINSON, 1999, p. 148-149).

Os processos de (des)territorialização e (re)territorialização geram novas territorialidades, porém esses novos territórios “[...]contêm traços/características dos velhos territórios e das velhas territorialidades” (SANTOS, 2015, p.297). Fica evidente em algumas narrativas da pesquisa, a preocupação quanto à preservação da configuração original das edificações refuncionalizadas, a exemplo do que enfatiza o administrador do Memorial Régis Pacheco a uma das edificações que recebeu um novo uso:

[...] inclusive tem mais duas salas aqui no fundo que Humberto Flores (irmão de um antigo morador, conhecia a casa quando funcionava como residência) falou que era a sala dos empregados da casa, que hoje é um depósito, tem muitas coisas de exposição que acaba ficando ali, mas a nossa vontade é tirar tudo e fazer espaço de visitação também.<sup>16</sup>

Fica implícito, ao destacar esse tipo de preocupação com a edificação, que a formação de novas territorialidades demanda recordar seu processo, suas relações materiais e imateriais. Por esta ótica, Albagli (2004, p.30) define territorialidade “[...] como um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade-espaço-tempo”. Assim, pode-se dizer que o território é relacional, espaço-tempo, movimento, fluidez e interconexão (SOUSA, 2008).

### 3.1 A REFUNCIONALIZAÇÃO DE EDIFICAÇÕES ANTIGAS NA ÁREA CENTRAL DO NÚCLEO HISTÓRICO DE VITÓRIA DA CONQUISTA

A conservação e o estudo dos patrimônios históricos de Vitória da Conquista são de extrema importância para o conhecimento e a identidade cultural desta urbe. As edificações do núcleo histórico da cidade possuem características arquitetônicas diversificadas que se relacionam com os seus períodos de desenvolvimento ao longo dos anos. Na análise das refuncionalizações de cada edificação estudada, os tipos de uso e de ocupação foram mais considerados do que a tipologia arquitetônica, embora alguns aspectos referentes a essas características devam ser comentados e levados em consideração, como o estilo da edificação.

Pode-se definir como estilo em Arquitetura a materialidade que revela as experiências, conscientes ou inconscientes, por meio de determinados preceitos, de gostos ou preferências formais que, na prática, se traduzem por um determinado modo de executar as construções. Dessa maneira, estilo é “[...]considerado como a própria essência de uma manifestação arquitetônica” (ALMEIDA, 1997, p.9). Afinal de contas:

Os termos estilísticos não devem limitar-se a classificar o visível, ou seja, as características formais da arte e da arquitetura, devendo também levar em conta o conteúdo espiritual das obras, isto é, as intenções, aspirações e filosofia dos clientes e dos autores dos projetos, e as reações intelectuais emocionais que procuravam provocar (BURY, 2006, p.207).

---

<sup>16</sup>Entrevistado n. 02, administrador do Memorial Régis Pacheco. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

Conhecer a história da edificação contribui para a sua valorização e conservação, por isso deve-se considerar muitos desses aspectos. A maioria dos casarões não se adequam às necessidades atuais, especialmente no que concerne à acessibilidade e estacionamentos que muitos não apresentam. Os casarões, em sua maioria, possuem espaços internos com configuração residencial, com vários cômodos como cozinha, quartos, entre outros. Algumas edificações antigas encontram-se abandonadas ou subutilizadas<sup>17</sup>. Existe nessa área central histórica uma grande oferta de espaço urbano edificado mal aproveitado, que poderia ter uso cultural, por exemplo, porém muitas dessas edificações acabam sendo demolidas.

Entre os anos de 1950 e 1980 houve um aumento significativo do número de habitantes do município de Vitória da Conquista, período em que a cidade experimentou grandes mudanças urbanas, o que propiciou o surgimento de novas tendências estéticas e modos de morar, aliadas à modernização técnica das construções que foram renovando a arquitetura local. Dessa forma, a população foi se adaptando, em muitos casos, abandonando patrimônios históricos, muitos sendo levados à ruína, outros demolidos para atender aos novos empreendimentos comerciais e às novas perspectivas econômicas. Como aborda o administrador no Memorial Régis Pacheco,

[...] em 1980 muitas casas foram demolidas, quando teve um *boom* de construção em Conquista, e modificou completamente o centro, se nessa época não tinha preocupação com essa questão histórica e arquitetônica, o que sobrou foram essas casas, então, o que cabe a gente é conservar as que ainda têm. As pessoas acham que o tombamento é algo ruim, a pessoa acha que se tombar a casa não vai poder fazer mais nada na casa, e não é, mas pode valorizar mais ainda, pode valorizar por vários motivos, por uma questão arquitetônica, por questão de história, ou seja, imagine só se esse centro todo fosse tombado, eu vejo fotos antigas e fico: -Nossa! Como destruíram tanto essa rua aqui? É uma pena! Mas, enfim tem, que trabalhar com o que tem agora<sup>18</sup>

A manutenção da identidade dos Centros Históricos, segundo o Manual de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais do Ministério das Cidades, vem também ao encontro da necessidade de integrar esses monumentos ao desenvolvimento da economia das cidades, mantendo a memória e o acervo arquitetônico (SENA, 2020). De acordo com o Plano Diretor

---

<sup>17</sup>Ação ou efeito de subutilizar, não usar por completo ou de utilizar algo de modo a não tirar todo o seu proveito. Nesse sentido, existem casas que são mal ou não são utilizadas na Praça, casas grandes em que poucos cômodos são usados como residência ou comércio, não tem todo seu espaço aproveitado.

<sup>18</sup>Entrevistado n. 02, administrador do Memorial Régis Pacheco. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.



Urbano de Vitória da Conquista – Lei Nº 1.385, de 2006, na Subseção II, que trata das Áreas de Proteção Histórico-Cultural:

Art. 36. O Subsistema de Áreas de Proteção Histórico-Cultural compreende os sítios de valor cultural, histórico, artístico, arquitetônico ou urbanístico em todo o município, elementos da paisagem natural e/ou construída que configurem referencial cênico ou simbólico significativo para a vida, a cultura e a imagem da Cidade e seu Município. 1º. O enquadramento destas áreas ou elementos, que merecerão tratamento específico, se dará sob consulta ao Conselho Municipal do Meio Ambiente, Conselho Municipal de Cultura e ao Conselho Municipal de Desenvolvimento Urbano, ouvidos, quando couber, os órgãos e entidades estaduais e federais. 2º. Deverão ser levantados e enquadrados nesta categoria os imóveis e sítios de valor histórico e cultural, incluindo os cadastrados pelo Executivo Municipal, pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e por entidades culturais municipais (VITÓRIA DA CONQUISTA, 2006).

Apesar de constar no Plano Diretor, não houve o enquadramento da área histórica e não existe fiscalização desses imóveis. A única legislação municipal específica de proteção do patrimônio histórico-arquitetônico em Vitória da Conquista é a Lei Nº 707, de 1993 – Lei do Tombamento – que institui normas sobre bens móveis e imóveis, de propriedade pública ou particular e cujo valor cultural, histórico, artístico, documental, bibliográfico, urbanístico, ecológico ou hídrico mereçam proteção do poder público. Segundo essa Lei, após tombados, os bens móveis e imóveis passariam a se constituir em patrimônio histórico, artístico, paisagístico e cultural, notadamente construções e obras de arte de valor e qualidade estética, principalmente quando representativos de determinada época ou estilo; também as edificações, monumentos e documentos quando vinculados a fatos representativos da história local ou ligados a pessoas de excepcional notoriedade.

Apesar da importância do texto normativo, cabe destacar que em 26 anos de existência, apenas dois imóveis – o prédio da câmara de vereadores e o Memorial Régis Pacheco – foram tombados pelo município na história de Vitória da Conquista. Outro imóvel tombado na cidade foi a casa de Dona Jeny de Oliveira Rosa, conhecida como D. Zaza. Porém, este último foi tombado pelo Instituto de Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC), por meio do Decreto Estadual Nº 9.745 em 2005.

A Câmara de Vereadores teve seu prédio edificado em 1910 pelo mestre de obras Luiz Alexandrino de Melo, também conhecido como Luiz Pedreiro, e já foi residência, hotel, Fórum e Justiça do Trabalho (PMVC, 2016). Evidenciando, igualmente, o requinte da arquitetura em Conquista, foi possível identificar que, dentre as realizações do chamado estilo “colonial”, a sua maior modificação ocorreu na segunda metade do século XVIII, quando

elementos do reformismo pombalino<sup>19</sup> foram adotados nos edifícios da América Portuguesa, como a introdução de portas-balcão<sup>20</sup> nos andares superiores dos sobrados com aparência mais requintada, guarnecidas de gradis de ferro (Figura 12).

Figura 12 - Centro cultural Câmara de Vereadores de Vitória da Conquista, 2015.



Fonte: Acervo da autora (2015).

Esse refinamento no fazer arquitetônico se afirma como neoclássico na medida em que se verifica a presença de arco pleno<sup>21</sup> combinado com a platibanda ornamentada. Ademais, tornou-se comum a aplicação de elementos decorativos de estuque<sup>22</sup>, como as sobrevergas – frisos instalados acima das vergas, acompanhando sua forma e as cimalthas<sup>23</sup>.

<sup>19</sup>O estilo pombalino era um estilo arquitetônico português do século XVIII, batizado em homenagem a Sebastião José de Carvalho e Melo, o primeiro Marquês de Pombal, que foi fundamental na reconstrução de Lisboa após o terremoto de 1755.

<sup>20</sup>Balcão em frente à porta que forma uma sacada única com guarda corpo de grade.

<sup>21</sup>São formas circulares nos vãos das janelas que formam um semicírculo inteiro, apoiados em duas extremidades, conforme apresenta as janelas do térreo do prédio da câmara de vereadores.

<sup>22</sup> Massa feita com pó de mármore amassado com cal, gesso e areia. Todo ornamento feito com essa massa também ganha esse nome.

<sup>23</sup>Saliência, tipo molduras no alto da parede, acima das janelas.

É possível encontrar muitas das características citadas do estilo neoclássico no edifício do Centro Cultural Câmara de Vereadores de Vitória da Conquista, localizado na Rua Zeferino Correia, no Centro da Cidade.

A Casa de D. Zaza, por sua vez, é uma edificação construída no ano de 1889 e situada na atual Praça Barão do Rio Branco. A edificação da residência de Dona Zaza, líder política e conselheira de importantes personagens da história da cidade, é um exemplo de resgate promovido pela notabilização do estilo Neocolonial caracterizado pelo uso dos azulejos ao redor das janelas, a presença da platibanda<sup>24</sup>, vãos em arcos plenos, uma porta quase ao meio que dá entrada ao edifício, seguida à esquerda por seis janelas de caixilharia<sup>25</sup>em guilhotina que foi substituída pela metade em forma de veneziana (Figura 13).

Figura 13 - Fachada Casa de Dona Zaza, 2016.



Fonte: Acervo da autora (2016). Editado pela autora (2020).

As setas destacam, respectivamente, a platibanda e o arco pleno decorado com azulejos, características do estilo Neocolonial encontradas na edificação.

Em 2019, foi instituído pelo Decreto Nº19.719, de 9 de agosto de 2019, o Núcleo de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município de Vitória da Conquista, com oito integrantes, todos servidores públicos ou comissionados. Foi

<sup>24</sup>Nome dado a continuidade da parede a fim de esconder o telhado.

<sup>25</sup>Caixilho era a peça na qual se encaixavam as janelas, engradado que recebe os vidros, utilizado normalmente em janelas, postigos, normalmente são executados em alumínio, ferro ou madeira.

regulamentado pela Prefeitura, por meio do Decreto Nº18.918, de 24 de setembro de 2018, a Lei Nº 707, de 1993. O Ministério das Cidades<sup>26</sup> tem como uma de suas ações o fortalecimento do Programa de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais, criando um manual, que sugere o fortalecimento de vínculos da população com o bairro. Segundo o Manual de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais<sup>27</sup>:

Na maior parte das grandes cidades brasileiras, a área central é formada pela parte mais antiga da cidade, o “centro histórico”, e por bairros lindeiros de uso misto (moradia, comércio, equipamentos), onde geralmente se concentram oportunidades de trabalho nessas atividades e no setor informal. Sobretudo nas maiores cidades e nas capitais de regiões metropolitanas, as áreas centrais vêm passando por processos de mudanças das atividades e redução da população. **Decorre desses fenômenos o esvaziamento, principalmente dos prédios residenciais**, mas também daqueles que abrigavam empresas e instituições públicas e privadas, que vêm se transferindo para outras localizações. As causas de tal processo são múltiplas, assim como as características de cada cidade são diferentes. No entanto, alguns fenômenos se repetem: **a degradação do patrimônio histórico**, a precariedade ambiental e habitacional, a concentração de atividades informais, a mudança no perfil socioeconômico dos moradores e dos usuários, a concentração de grupos sociais vulneráveis (grifos nossos).

A participação da população, segundo o Manual, é de extrema importância, para que os próprios proprietários dos casarões sejam sensibilizados e auxiliem na preservação do seu patrimônio. De acordo com Sena (2020, não paginado) “[...]a identificação e valorização desses vínculos com a comunidade são fatores fundamentais para aumentar a coesão social e garantir a diversidade cultural”. No trabalho de conclusão de curso da graduação em Arquitetura e Urbanismo (BRAGA, 2018), que possuía a mesma área de pesquisa desta dissertação, foi realizado um estudo de uso do entorno da área central do núcleo histórico, por meio de observação de campo e análise de mapas, categorizando os usos em área verde, comercial, residencial, institucional, misto (comercial e residencial), hospitalar e vazios urbanos, considerados os espaços não edificados, terrenos vazios. O estudo aponta essa área com uso predominantemente comercial (Figura 14).

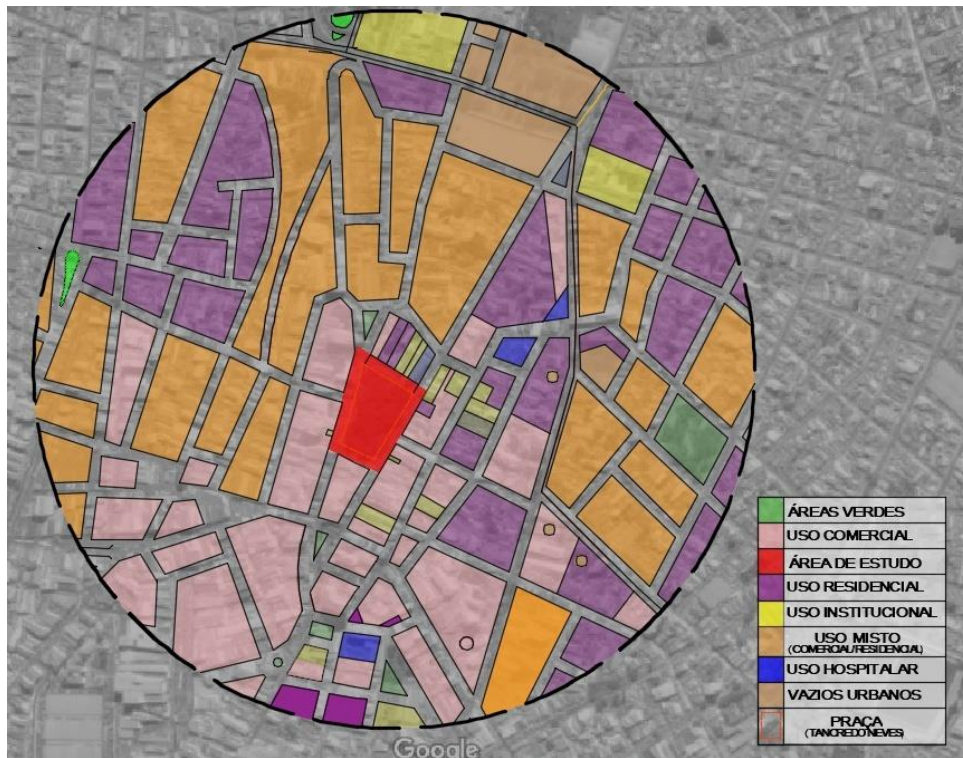
---

<sup>26</sup>O Ministério das Cidades foi criado em 2003, com a missão de estruturar nacionalmente as políticas de habitação, saneamento, mobilidade, transporte e planejamento territorial urbano, por meio do incentivo à implementação de políticas locais de gestão do solo urbano baseadas nos preceitos colocados pela Constituição de 1988 e pelo Estatuto da Cidade. Em 2019 foi realizada a fusão do Ministério da Integração Nacional com o extinto Ministério das Cidades, dando origem ao ministério do Desenvolvimento Regional.

<sup>27</sup>O Programa de Reabilitação deve e pode ser um instrumento para garantir o uso e a ocupação democrática e sustentável dos centros urbanos, assim como a preservação do patrimônio cultural e ambiental. Ele deve também estimular a diversidade funcional, recuperar atividades econômicas e buscar a complementaridade entre os diferentes usos.



Figura 14 - Estudo de usos e atividades do entorno da Praça Tancredo Neves com raio de 500 metros - Vitória da Conquista, realizado no ano de 2018.



Fonte: Braga (2018).

É possível observar com esse estudo que a maior parte do uso no entorno da Praça é comercial e institucional, representado por órgãos e programas da prefeitura, setor de finanças, de obras e algumas lojas. Por isso, o núcleo é mais ocupado em período diurno, enquanto durante à noite se torna pouco procurado e, conseqüentemente, inseguro – com exceção das datas festivas do São João no mês de junho e do período natalino em dezembro, quando a praça é enfeitada com luzes e presépios (Figura 15).

Figura 15 - Praça Tancredo Neves em período natalino em dezembro de 2017.



Fonte: Blog do Rodrigo Ferraz (2017)<sup>28</sup>.

Nesses períodos festivos, o Memorial Régis Pacheco, uma das edificações refuncionalizadas estudadas nesta pesquisa, se funde com a Praça mais efetivamente, é um exemplo que demonstra a relação dessas edificações que obtiveram novos usos com a Praça, como relata o administrador do Memorial,

[...] tem alguns momentos que dá muita gente, no natal desse ano mesmo, teve 1.000 pessoas por dia na casa, fizemos um evento terno de reis, exposição de natal, presépio, ou seja a casa ficou aberta ao público e principalmente depois da alameda o fluxo ficou muito grande<sup>29</sup>.

No período natalino, a casa Régis, como é conhecida, se transforma no Memorial do Reisado, a exposição montada destaca manifestações de tradição popular como o reisado e a montagem de presépios. No mesmo palco montado para os eventos de ternos de reis são realizadas apresentações de corais, entre outras apresentações musicais (Painel 2).

<sup>28</sup>Disponível em :<http://www.blogdorodrigoferraz.com.br/2017/12/02/conquista-confira-as-primeiras-atracoed-natal-da-cidade-2017/>. Acesso em: 13 dez. 2020.

<sup>29</sup>Entrevistado n. 02, administrador do Memorial Régis Pacheco. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.



Painel 2 - Período natalino na casa Memorial Régis Pacheco, apresentação de terno de reis, presépio e coral, 2017.



Fonte: Conversa de balcão (2017)<sup>30</sup>.

A insegurança nos períodos noturnos na Praça era agravada pela iluminação pública inadequada, que tem sido modificada aos poucos. O poder público tem demonstrado mais atenção a essa área da cidade, tentando torná-la mais nobre, um exemplo disso foi a construção da nova Alameda na Praça, que une a calçada da Catedral e do Memorial Régis Pacheco à Praça, formando um calçadão. A respeito disso, afirma o administrador do Memorial:

Percebemos que depois da Alameda aí da frente que a casa virou um ponto de muito fácil acesso né? Então as pessoas têm frequentado mais a casa depois dessa alameda ai [...] Olha, depois dessa Alameda ai, parece que pavimentou o acesso à casa, antes era asfalto, estacionamento, meio confuso pra chegar, depois modificou muito, se antes entrava 5 hoje entram 10 [...], a Alameda também ajudou muito, antes já vi muito assalto aqui, as pessoas tinham medo de vir para o Cine Club por exemplo, ficava com medo de sair, depois da Alameda, iluminou, e as pessoas vêm para ficar aí, porque na verdade o segredo é ocupar os espaços, o que acontece, eu acho, com a depreciação dos espaços, é porque não tem ninguém, é escuro, enfim, termina que **vira um lugar de ninguém, então quando você ilumina o lugar, leva as pessoas pra ocupar o espaço, vai dinamizando, revitalizando, então o que aconteceu aqui foi isso, a Alameda revitalizou, as pessoas se sentem a vontade**, ficam ai na porta, crianças, então a gente já fez muito evento ai de som, de forró, de teatro, é um lugar de passagem, é

<sup>30</sup>Disponível em: <http://conversadebalcao.com.br/muito-alem-da-barao/>. Acesso em 13 dez. 2020.



**bom porque quando a gente faz um evento na porta, não precisa nem divulgar, as pessoas vão passando e vão chegando, ficando, é ótimo, independente de divulgação ele já tá ali, se você fizer o evento as 5:30, 6:00 da tarde, você pega todo mundo saindo do trabalho, indo pra igreja <sup>31</sup> (grifos nossos).**

A narrativa demonstra claramente a conexão do casarão refuncionalizado com a Praça, quando o entrevistado enfatiza: “[...] bom porque quando a gente faz um evento na porta, não precisa nem divulgar, as pessoas vão passando e vão chegando, ficando”. Fica perceptível uma relação mútua, pois tanto indivíduos que frequentam a Praça são atraídos para eventos que acontecem no Memorial, quanto visitantes da casa utilizam o espaço da Praça.

A construção da Alameda Dom Celso José Pinto da Silva foi realizada por meio de uma Parceria Público Privada entre o Município de Vitória da Conquista e a Pel Construtora e Incorporadora. O nome da Alameda é uma homenagem ao ex-bispo da Capital do Sudoeste Baiano e se tornou mais um espaço de convivência da Praça. A Alameda traz uma sensação de unificação dos espaços e valoriza o centro histórico, a Figura 16 , apresenta a localização da Alameda demarcada em vermelho.

Figura 16 - Praça Tancredo Neves, 2014, anterior a construção da Alameda Dom Celso Pinto.



Fonte: PMVC, 2014.

<sup>31</sup> Entrevistado n. 02, administrador do Memorial Régis Pacheco. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

A Figura 17 mostra como era a rua existente antes da Alameda (havia vagas para carros em frente às casas e o fluxo de automóveis era livre) e posteriormente mostra o mesmo espaço nos períodos diurno e noturno (com calçadão, piso tátil, jardins e iluminação).

Figura 17 - Antes e depois da construção da Alameda Dom Celso José Pinto da Silva.



Rua antes da construção da Alameda Alameda Dom Celso José Pinto da Silva com vagas de estacionamento, 2018.



Rua após implementação da Alameda, em período diurno, 2020.



Rua após implementação da Alameda em período noturno, com iluminação, 2020.

Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

Para alguns frequentadores e moradores da cidade, a importância da Alameda foi constatada após sua execução. Entretanto, como citado anteriormente, em pesquisa anterior, que possuía como área de estudo também a área central do núcleo histórico, foi proposta uma intervenção urbanística, com uma alternativa semelhante à Alameda, que tinha objetivo de valorizar as fachadas dessas edificações tornando as calçadas acessíveis e amplas, substituindo o asfalto por piso intertravado, para trabalhar a sustentabilidade e melhorar a drenagem da água pluvial, como também reduzir a velocidade dos carros e integrar essa rua à Praça Tancredo Neves (Figura 18).

Figura 18 - Maquete eletrônica produzida em estudo anterior pela autora, como proposta de revitalização do núcleo histórico da Cidade, 2018.



Fonte: Braga (2018).

Nessa proposta, a circulação de veículos no núcleo histórico foi limitada a uma única faixa de passagem em elevação igual à do pedestre, com divisão física realizada por balizados de um metro de altura. O objetivo era induzir o motorista a diminuir velocidade e aproveitar os marcos visuais que estão a sua volta, permitindo também que o pedestre pudesse percorrer essa área tranquilamente. A intenção da proposta pode ser melhor percebida com a observação da Figura 19, apresentada a seguir.



Figura 19 - Maquete eletrônica produzida em estudo anterior pela autora, como proposta de intervenção urbanística, 2018.



Fonte: Braga (2018).

Dentre as edificações antigas refuncionalizadas existentes na Praça, três delas foram escolhidas para estudo mais aprofundado, como tipo de arquitetura, estilo, motivo da refuncionalização e como funciona a dinâmica, manutenção, administração desses casarões, após obterem um novo uso. O estudo das edificações possibilita a análise da dinâmica socioespacial do núcleo histórico, pois o surgimento dessas instituições culturais, como museus, memoriais, centros de convivência, entre outras, contribuiu significativamente para a reconfiguração da dinâmica desse espaço. Os tópicos seguintes apresentam peculiaridades de cada umas das edificações contempladas neste estudo.

### 3.2 CASA MEMORIAL GOVERNADOR RÉGIS PACHECO

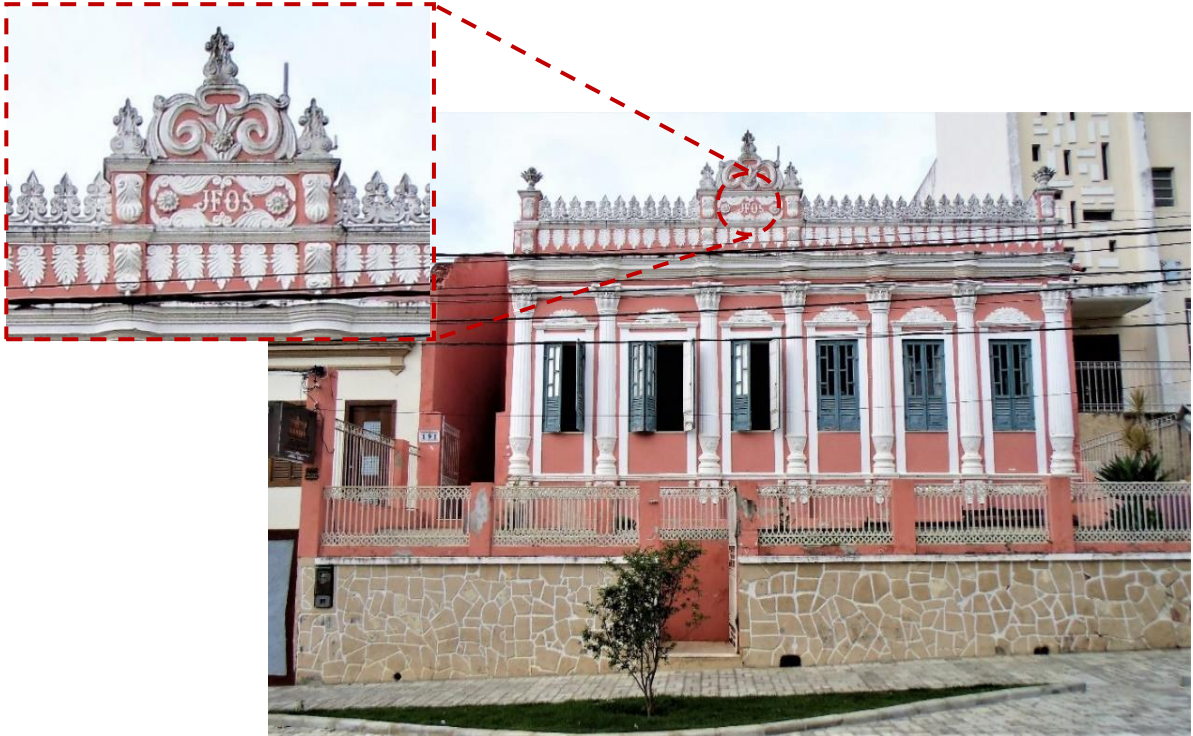
A casa que hoje abriga o Memorial Governador Régis Pacheco foi construída na primeira década do século XX. Casarão com arquitetura imponente, situado no lado superior da Praça Tancredo Neves, térreo, com estilo neoclássico, tendendo para o ecletismo. Tem em seu frontispício<sup>32</sup> seis janelas em esquadrias de madeira envidraçadas. A concha rococó<sup>33</sup> e

<sup>32</sup> Na Arquitetura, frontispício é um elemento arquitetônico constituído, genericamente, pelos elementos decorativos da parte frontal de uma construção, sobretudo na área da fachada. Sua composição reflete o período histórico da obra arquitetônica, sendo característico de uma escola.

<sup>33</sup>Rococó é um estilo artístico que surgiu na França, e desenvolveu-se na Europa no século XVIII, logo após o Barroco. Era mais leve e intimista do que o estilo anterior. Suas características eram: o uso de dourado, formas de curvas e de elementos decorativos, como laços e flores.

gótica estampa as iniciais do seu primeiro proprietário: Coronel João Fernandes de Oliveira Santos (Figura 20).

Figura 20 - Fachada do Casarão que abriga o Memorial Governador Régis Pacheco, com ampliação do frontispício, 2016.



Fonte: Acervo e edição da autora (2020).

Vale destacar uma curiosidade sobre a fachada da edificação. Em 1940, foram realizados serviços urbanísticos para a divisão da antiga Rua Grande em duas Praças. Durante essa obra de divisão da Praça, foi necessário o rebaixamento de 2,22 metros, na área superior, e todas as casas, nesse espaço, ganharam 4 metros de frente, sendo necessária a construção de uma escada de acesso. Nessa ocasião, o casarão foi reformado. A Figura 21 demonstra a fachada original do Memorial, anterior a reforma:

Figura 21 - Rua Grande, Catedral Nossa Senhora das Vitórias e Memorial Regis Pacheco, década de 1930.



Fonte: Arquivo Municipal de Vitória da Conquista (1930). Editado pela autora (2020).

A fachada da edificação após a reforma da divisão das Praças, indicada por seta na Figura 20, foi recortada em 1,50 metros para criar uma entrada lateral, no lado esquerdo, ganhou uma escadaria na frente e um portão em grade. A porta de entrada que antes era em arco na parte central da fachada foi retirada, conforme apresenta a Figura 22 e, em seu lugar, foi assentada uma janela, formando 6 (seis) janelas na fachada, conforme indicação na referida foto:

Figura 22 - Rua Grande, após divisão em duas Praças e o Memorial Régis Pacheco com 6 janelas na fachada ainda em arco, década de 1940.



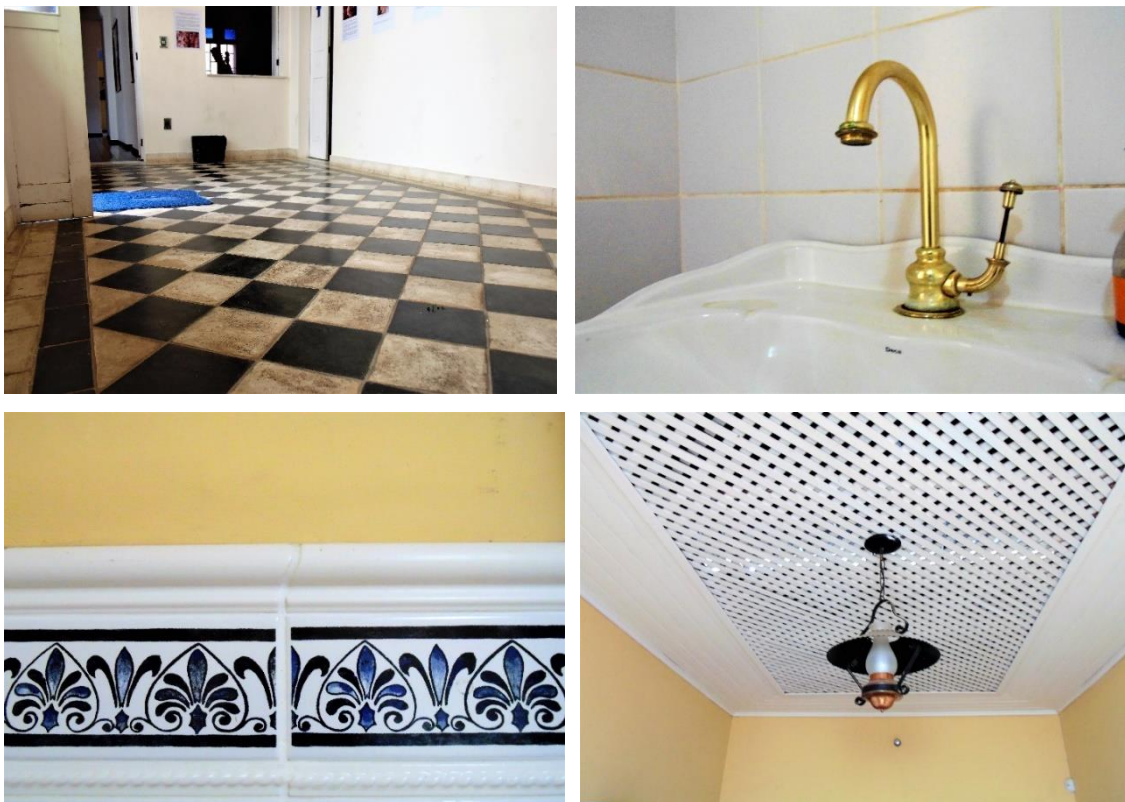
Fonte: Arquivo Municipal de Vitória da Conquista (1940). Editado pela autora (2020).

Segundo história narrada em 1921, a filha de João Santos, Enerina, casou-se com o médico Luiz Régis Pereira Pacheco. O jovem casal recebeu a casa como presente, e nela é instalado o consultório de Dr. Régis, que atendia a todos que precisavam de seus serviços médicos. Régis Pacheco, além de médico, teve uma importância política na cidade e no estado, foi deputado federal e mais tarde governador do Estado, o que o levou para fora da cidade, fazendo com que sua casa fosse alugada. Na década de 1950, a referida casa foi ocupada pelo Sr. Egídio Almeida que nela morou por muitos anos, tendo construído um anexo. Na década de 1960, Dr. Raimundo Oldegar e D. Nair, musicista e professora de piano, também residiram na casa. Em 1970, a casa foi comprada e, a partir de 1980, a prefeitura Municipal a alugou e nela instalou o conservatório Municipal de Música (SOUZA, 2010).

Em 2004, na gestão de José Raimundo Fontes, a Prefeitura adquiriu a casa, a fim de resguardar a edificação histórica. O projeto de recuperação da casa foi realizado sob os comandos da arquiteta Márcia Pinheiro, secretária Municipal de Obras e Urbanismo na época, que convidou o artista plástico Orlando Celino para auxiliar com os serviços de restauração. Alguns revestimentos, lustres, metais e forros foram mantidos durante a reforma (Painel 3).



Painel 3 - Revestimentos, metais, forros e lustres que foram mantidos na edificação Memorial Régis Pacheco, durante a reforma.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

As fotos apresentadas revelam a preocupação que houve em conservar as características da edificação. Em 05 de abril de 2007, o então prefeito Guilherme Menezes reabre a casa, resgatando beleza, imponência e humanidade que ela, por tanto tempo, abrigou. Sob os cuidados da Secretaria Municipal de Cultura, foi inaugurado, então, o Memorial Governador Régis Pacheco, com alguns móveis e pertences de Régis Pacheco e da sua família, e ainda com as definições dos cômodos originais, como sala de estar, jantar e cozinha. Assim, quem visita o Memorial pode fazer uma visita guiada, em que o funcionário acompanha o visitante, apresenta a história da edificação, por meio dos quadros expostos no Memorial que retratam os prefeitos de Vitória da Conquista e as transformações da Praça. Além disso, o visitante tem acesso a um panorama sobre a história da cidade com a apresentação da configuração da casa antigamente.

A composição estrutural da edificação foi conservada, conforme original. O Painel 4 mostra a configuração da sala de jantar e da cozinha da casa, além de apresentar móveis e lustres que foram conservados.



Painel 4 - Sala de jantar e cozinha da casa Régis Pacheco, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

É possível constatar o cuidado da administração do Memorial quanto à conservação da estrutura e dos objetos da casa, embora sempre esteja trazendo novidades para os visitantes. Como afirma o atual administrador do Memorial, “é muito interessante ter um equipamento formal, e dentro desse equipamento ir dando pinceladas menos tradicionais, porque você conquista públicos de todos os tipos”<sup>34</sup>. O anexo construído ao fundo da edificação abriga um salão de eventos onde atualmente funciona o Cine Club, eventos de música e teatro, o que agrega à casa um viés mais cultural. A parte anexa da casa funciona como pátio e garagem e, por serem espaços amplos, também são utilizados para outras atividades (Painel 5).

<sup>34</sup>Entrevistado n. 02, administrador do Memorial Régis Pacheco. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

Painel 5 - Pátio externo, salão de eventos e garagem do Memorial Régis Pacheco, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

Quanto à acessibilidade da edificação, por conta da escadaria frontal e para não descaracterizar a fachada, não houve modificações e adequações com rampas para a entrada principal. Por isso, o acesso por cadeirantes e pessoas com mobilidade reduzida é realizado pelo portão posterior que fica na garagem. Tal acesso possui um declive e uma rampa que faz ligação entre o salão de eventos anexo e o casarão, como relata o atual administrador:

Tem rampa e tem um declive na parte da garagem, mas algumas pessoas já reclamaram que o declive da garagem é muito íngreme para o cadeirante, então, não podemos considerar que a edificação é acessível, até porque pela frente é impossível ter esse acesso, e o motivo até agora de não ter rampa é para não descaracterizar a fachada da edificação.<sup>35</sup>

A casa teve sua última reforma em 2007, antes da inauguração do Memorial. Desde então são realizadas pequenas manutenções, em razão de alguns desgastes. O fluxo diário de visitação tem aumentado significativamente, após a criação da Alameda.

<sup>35</sup>Entrevistado n. 02, administrador do Memorial Régis Pacheco. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.



### 3.3 MUSEU REGIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA - CASA HENRIQUETA PRATES

Em busca de uma Arquitetura nacional que espelhasse a cultura brasileira, uma nova concepção começou a ganhar espaço entre as edificações, seria uma ruptura com a importação de estilos e, em Vitória da Conquista, não foi diferente. A cidade, no contexto aqui analisado, se ergueu no período de transição entre a exportação de estilos e o marco significativo da arquitetura propriamente brasileira, derivada da colonial; frente a isso, é possível encontrar edificações antigas com características coloniais, neoclássicas, ecléticas, barrocas e neocoloniais. A casa que atualmente abriga o Museu Regional possui características da arquitetura colonial brasileira dos séculos XVII e XVIII e primeira metade do XIX.

A edificação foi construída no ano de 1883, típica das casas coloniais, ocupa todo o limite do terreno, possui as esquadrias na diagonal, apenas um pavimento, com cobertura de telhas de barro, feita com apenas duas águas<sup>36</sup>, uma para trás e uma para frente do terreno, evitando, assim, infiltrações. A cobertura se projeta para longe das paredes, formando largos beirais frontais. Tais características estão presentes na edificação e podem ser observadas em sua fachada na Figura 23.

Figura 23 - Fachada frontal do Museu Regional de Vitória da Conquista, 2020.



Fonte: Acervo da autora (2020).

<sup>36</sup>“Água” do telhado, denominação dada à cobertura da edificação, em caso de duas águas, é caracterizada pela definição de duas superfícies planas, com declividades iguais ou distintas, unidas por uma linha central denominada cumeeira ou distanciadas por uma elevação, cobertas por telha com estrutura de madeira ou metálica.

A edificação foi residência de Henriqueta Prates dos Santos Silva, nascida em 1863, descrita como uma das mulheres que fizeram história em Vitória da Conquista. Considerada por estudiosos locais como uma mulher à frente do seu tempo, foi conselheira política e também contribuiu expressivamente no acolhimento e cuidado de pessoas doentes, residiu na casa até a sua morte em 1957. Após sua morte, a família continuou morando na edificação e, anos depois, ela foi alugada para fins comerciais. O Museu Regional foi idealizado em 1991 por um grupo de professores e técnicos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e, em 1992, a casa de Henriqueta se tornou o local ideal para implementação do Museu. Por conta da localização no núcleo histórico e disponibilidade, foi alugada pela UESB (FERRAZ, 2020). Em 2002, a referida instituição adquiriu o imóvel, que até então era alugado.

Em 1996, sob a direção de Heleusa Câmara, foi realizada a junção do Museu Regional com a história de Henriqueta, como forma de preservar sua memória. A família fez doação de alguns objetos, peça de móveis que pertenceram a ela e atualmente estão expostos no museu. A casa foi se configurando exatamente como uma réplica da antiga, a cozinha foi reformada, de acordo com depoimentos dos familiares, como era na época em que Henriqueta residia na edificação. O quintal também foi reformulado e nele estão expostas algumas estátuas que foram retiradas da Praça durante sua reforma, como mostra o Painel 6.

Painel 6 - Cozinha e quintal da casa que abriga o Museu Regional de Vitória da Conquista, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

A manutenção da edificação é realizada pela UESB, os funcionários são responsáveis pela conservação da casa e pelas solicitações de manutenção para a Universidade sempre que for preciso. O espaço busca propiciar à comunidade conquistense informações históricas da cidade de Vitória da Conquista. O Museu recebe aproximadamente quatro mil visitas por ano (FERRAZ, 2020). São turistas, alunos de escolas públicas e privadas e pessoas interessadas na história local. A atual coordenadora do Museu fala sobre a frequência de visitação do museu:

Determinados períodos do ano nós temos pessoas de fora, gente que está passando por Conquista, ou pessoas que são daqui ou que tem alguma ligação com a cidade e estão morando fora, ai isso fica entre novembro a fevereiro, e depois no meio do ano que vai entre junho e julho, que são as férias escolares do sudeste, ai temos essa frequência maior de pessoas que não moram na cidade. E durante os outros meses, temos uma frequência de em média 20 pessoas por dia aqui, quando época de férias em uma manhã costumamos receber 45.<sup>37</sup>

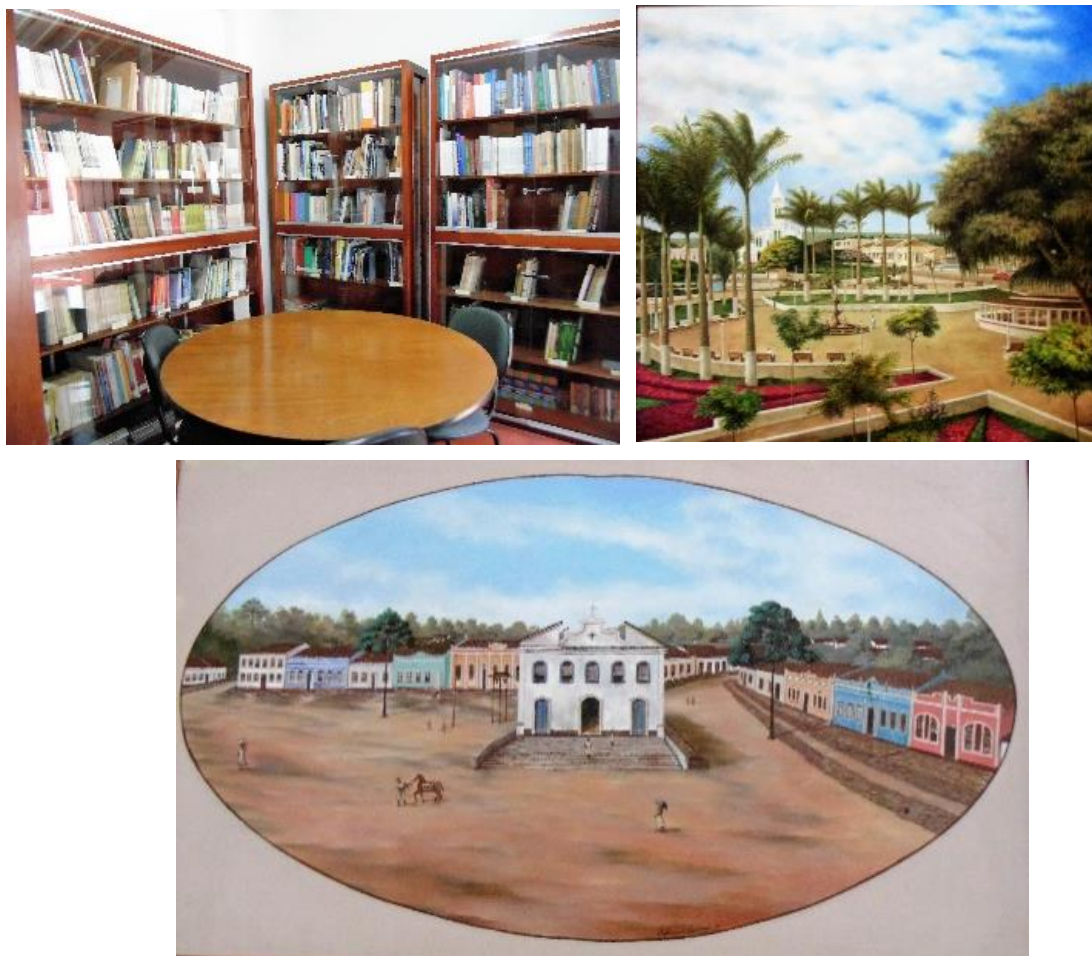
Em 1998, foi realizada a implementação de uma biblioteca no Museu, com exemplares sobre a história de Vitória da Conquista. O visitante, ao frequentar o museu, realiza uma visita

<sup>37</sup>Entrevistada n. 03, Coordenadora do Museu Regional de Vitória da Conquista - Casa Henriqueta Prates. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.



guiada, na qual é apresentado um breve relato da história da cidade, contado por meio dos quadros expostos, pintados por artistas plásticos regionais, como se pode observar no Painel 7. Os quadros foram pintados por Orlando Celino, um deles ilustra o Jardim das Borboletas, denominação anterior da atual Praça Tancredo Neves, em 1996, e o outro a antiga catedral da cidade, em estilo colonial, mostrando como era a Rua Grande, antes da divisão das Praças.

Painel 7- Biblioteca e quadros do Museu Regional de Vitória da Conquista, 2020.



Fonte: Museu Regional de Vitória da Conquista (2020). Elaboração e organização da autora (2020).

O Museu é um equipamento importante de informação sobre a história de Vitória da Conquista. Muitos visitantes que não residem na cidade, ou até mesmo que residem, não visualizam o espaço da Praça como o centro histórico da cidade, o Museu cumpre esse papel de estabelecer uma conexão entre o visitante e a memória e a identidade da cidade, da casa e da vida de Henriqueta Prates. A esse respeito, a Coordenadora relata:

As pessoas quando entram aqui falam: “Ah! é uma casa antiga!”, “lembrei da casa da minha avó”. O museu é um espaço de memória e é um espaço de identidade também, eu acredito muito nisso, como a casa Régis Pacheco também é [...] mas eu não sei se as pessoas têm essa consciência que essa praça é antiga, eu não sei

realmente até que ponto, a não ser as pessoas daqui, que conhecem e que estudaram, e quando a pessoa visita o museu, ela tem todas essas informações, tem quadros da Rua Grande e de toda a história.<sup>38</sup>

Os espaços do Museu foram divididos em salas que receberam nomes de pessoas consideradas importantes cultural e historicamente para a cidade, são elas: a Sala Glauber Rocha, a Sala Ruy Medeiros e a Sala Edméa Oliveira e Marisa Correia. Na Sala Glauber Rocha, há documentação em vídeos e documentários, fotografias, livros, cartazes e reportagens em livros e jornais sobre o cineasta conquistense Glauber Rocha e sua obra. Já na Sala Ruy Medeiros, está em instalação o acervo que representa o sertão, como objetos usados por vaqueiros, boiadeiros e tropeiros. A Sala Edméa Oliveira e Marisa Correia dá lugar às artes plásticas de artistas regionais. Além de estar aberto para visitas e pesquisas, o Museu Regional realiza e abriga eventos, como cursos, exposições, palestras, oficinas e seminários e é responsável por publicações científicas e didático-informativas sobre a cultura e história regionais.

### 3.4 CENTRO DE CONVIVÊNCIA DO IDOSO

Na crise do estilo Neocolonial, Vitória da Conquista se permitiu experimentar outras tendências na Arquitetura sendo especialmente influenciada pelo Eclétismo. Estilo caracterizado por reunir diversos matizes arquitetônicas, com elementos geométricos, platibandas<sup>39</sup> vazadas, uso de gradis<sup>40</sup>, desenho orgânico, como evidencia a fachada do casarão que abriga atualmente o Centro de Convivência do Idoso. De fato, em boa parte das edificações que se encontram relativamente bem conservadas na cidade, ainda são muito presentes esses traços da tradição Eclética.

Além do mais, constata-se que parte desses casarios eram elevados, esses desníveis serviam para ventilação, realizada pelas gateiras<sup>41</sup>, com o propósito de propiciar o isolamento do piso com o solo, criando espaços que passavam a ser denominados de porões. Essas gateiras, frequentemente com aberturas gradeadas, logo acima do passeio, serviam para evaporação da umidade do solo e normalmente estavam alinhadas às janelas, atribuindo

---

<sup>38</sup>Entrevistada n. 03, coordenadora do Museu Regional de Vitória da Conquista - Casa Henriqueta Prates. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

<sup>39</sup>O termo arquitetônico “platibanda” designa uma faixa horizontal, normalmente continuidade da parede que emoldura a parte superior de um edifício e que tem a função de esconder o telhado.

<sup>40</sup> Gradis é a variação plural de “gradil”. O gradil é um tipo de grade simples e de fácil instalação.

<sup>41</sup>As gateiras são aberturas fechadas com grades logo acima do passeio, localizadas no porão da edificação e serviam para evaporação da umidade do solo.

distinta função estética à edificação (SUTIL, 2003). É possível observar neste casarão as características mencionadas como pode ser constatado na Figura 24.

Figura 24 - Fachada do casarão que abriga o Centro de Convivência do Idoso, 2016.



Fonte: Acervo da autora (2016).

A edificação foi construída em 1924 e inicialmente funcionou como residência. Depois de comprada pelo poder público de Vitória da Conquista passou a abrigar a Biblioteca Municipal José de Sá Nunes. Posteriormente, transformou-se na Casa das Artes, depois cedeu espaço ao Programa Municipal Vivendo a Terceira Idade e, atualmente, funciona na casa o Centro de Convivência do Idoso.

O Centro de convivência foi criado em 1997, desde então funciona nesse casarão. Surgiu com o intuito de valorizar a pessoa idosa, oferecendo diversas atividades educativas e de lazer por meio de grupos de convivência, além de promover viagens turísticas e eventos culturais (PMVC, 2020b). Atualmente, o centro atende a 400 idosos(as), acima de 60 anos. Os serviços prestados são “[...] oficinas de artesanato, de teatro, coral, tem flauta, tem oficina de fotografia de informática, e tem os grupos de convivências, eventos abertos ao público aqui e os idosos são convidados para eventos externos também, para congressos entre outros<sup>42</sup>”,

---

<sup>42</sup>Entrevistada n. 01 - Coordenadora do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.



como informou a atual coordenadora do Centro de Convivência. O centro busca contribuir com o bem-estar no processo de envelhecimento saudável dos idosos da cidade. Uma senhora frequentadora do centro, assim enfatiza a sua relação e com a construção da identidade:

Frequento o programa e as atividades que acontecem no centro porque eu gosto daqui, **aqui é meu lugar**, foi onde me encontrei, algum problema que eu tinha eu melhorei aqui, aqui me divirto, encontro minhas amigas, passeio, é o lugar da gente viver. Quando esse projeto veio para aqui, eu fui no primeiro dia visitar, eu ainda tinha 58 anos, mas ai já fiquei e estou até hoje. Nós passeamos muito, viajamos para praia, tem muito evento, muita festa<sup>43</sup> (grifos nossos).

A narrativa evidencia o sentimento de pertença construído pelos frequentadores da edificação. A partir das relações sociais e da identificação daquele espaço como território e pelo sentimento de posse demonstrado, é desenvolvida a sensação de pertencimento identitário e a vinculação com a história do lugar, como enfatiza a entrevistada: “aqui é meu lugar”.

Embora não seja a categoria central das discussões desta pesquisa, fica evidente a relação demonstrada entre os usuários e o lugar, já que lugar remete a espaço vivido. Para Carlos (1996), esse sentido de espaço vivido confirma a relação de identidade e de pertencimento do homem com o local onde se processa a vida. Conforme Carlos (1996), pode-se considerar lugar como:

[...] produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos [...] a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida (CARLOS, 1996, p. 28).

Apesar da edificação que abriga o Centro de Convivência não ser tombada, a manutenção da casa é realizada pelo poder municipal, pois o Centro de Convivência é um programa da Prefeitura Municipal, de responsabilidade da Secretaria de Desenvolvimento Social e da Empresa Municipal de Urbanização de Vitória da Conquista (EMURC). Os ambientes estão em bom estado de conservação e são bastante utilizados. A casa possui cozinha, sala de costura, atelier, salão de beleza, entre outros espaços de convivência e administrativos, conforme demonstra o Painel 8.

---

<sup>43</sup>Entrevistada n. 04, frequentadora do Centro de Convivência do idoso. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

Painel 8 - Sala de costura, sala administrativa, cozinha e salão de beleza do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

A configuração original do casarão foi conservada, porém foram feitas algumas intervenções a fim de atender às demandas dos frequentadores, como a construção de um anexo ao fundo, um salão de eventos interligado por rampa ao casarão, o que torna a edificação acessível pela entrada posterior (Painel 9).

Painel 9 - Área de convivência, circulação, rampa e salão anexo do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

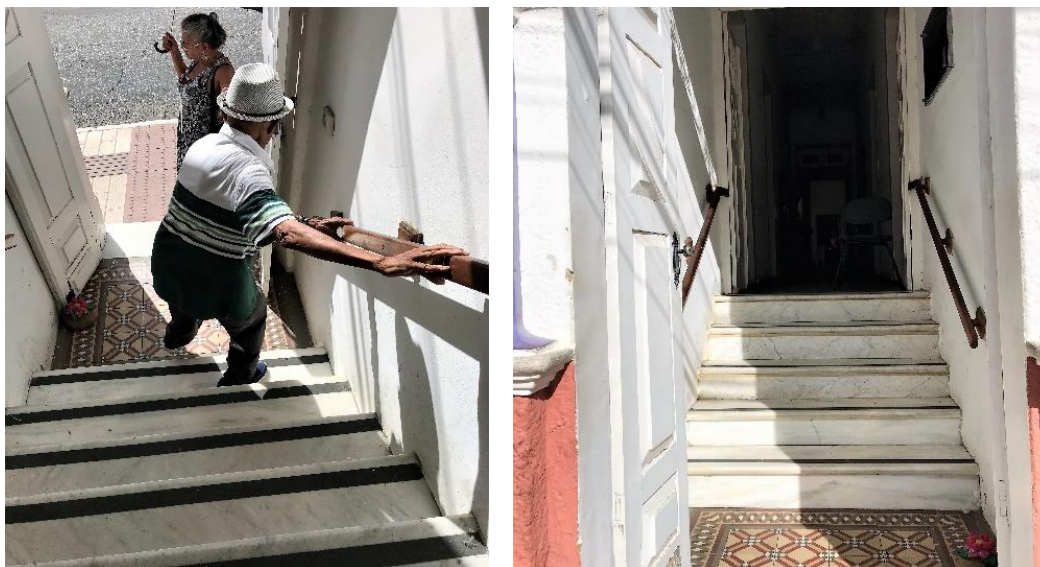
Quanto à acessibilidade, constata-se que na fachada principal não há rampa, “na frente não temos por conta da estética da casa, conservou os degraus, mas pelo fundo é acessível, sempre estamos adaptando tudo certinho<sup>44</sup>”, diz a coordenadora, conforme mostra o Painel 10.

---

<sup>44</sup>Entrevistada n. 01 - Coordenadora do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.



Painel 10- Acesso principal do Centro de Convivência do Idoso de Vitória da Conquista, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

Mesmo que não exista acessibilidade na entrada principal, esta ainda é muito utilizada pelos idosos que frequentam o Centro. Quando questionados sobre o Centro de Convivência funcionar em uma casa antiga, os sujeitos sociais acionam lembranças marcantes de experiências vividas e as respostas são positivas, como confirma a narrativa de uma frequentadora de 80 anos de idade:

Era a casa de um médico aqui, é bonita, muito linda essa casa, quando a gente começou aqui era só a casa, aí depois Guilherme (prefeito da cidade na época da reforma) aumentou lá pro fundo, fez aquela parte nova toda, aí reformou tudo, fez um salão muito bonito de festa que sai lá pela outra rua, mas era só a casa de cá, depois que fez a de lá.<sup>45</sup>

Vale ressaltar o conflito aqui identificado, de um lado, a questão da conservação e do outro o da acessibilidade. Como relata Specht (2008, p.70) “[...] o espaço não é homogêneo e etéreo, pressupõe conflitos [...] tal ajustamento é um processo endógeno para formalizar um espaço de referência que não existe de início, mas como pressupõe o próprio sentido do território, é uma construção”. Em se tratando de um patrimônio cultural, essas edificações/territórios podem e devem sofrer transformações e outras interpretações, uma vez que novos significados, realidades e necessidades se impõem a eles e aos sujeitos sociais que irão frequentá-los. Essa problemática é evidenciada por Reis (2015, p. 28) ao enfatizar que:

<sup>45</sup>Entrevistada n. 04 - Frequentadora do Centro de Convivência do Idoso. Entrevista concedida, em março de 2020.

Remover obstáculos significa eliminar as barreiras arquitetônicas, tarefa que não é simples, quando se refere a edifícios de valor histórico, principalmente aqueles que são protegidos pelo tombamento. Características específicas devem ser consideradas e os princípios da conservação e do restauro atuais devem ser respeitados. Isso cria um conflito aparente entre a necessidade de adaptação, com todas as suas implicações, e o respeito ao patrimônio histórico e suas regras de conservação.

Diante de tal conflito, para encontrar soluções, é necessário conhecimento e criatividade, além de respeito e valorização do passado e da evolução histórica e urbana da localidade e da edificação. É possível utilizar estratégias arquitetônicas que sejam discretas e funcionais para atender às pessoas com mobilidade reduzida, ou até mesmo adaptações com plataformas elevatórias e elevadores.

Segundo Pollak (1992, p. 204), “[...] a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade de uma pessoa”. Assim, os frequentadores construíram sua própria identidade com a casa, baseados nas suas memórias e consideram a edificação como seu território. Para Costa (2008, p.152), “[...] a identidade que o indivíduo mantém com o lugar é articulada com uma relação de proximidade imediata e aí ele se define, se constrói através dos conhecimentos de seu entorno imediato”. Conforme narrativa de uma das frequentadoras, “Aqui no meio era uma piscina onde a gente tomava banho, eu tenho foto daqui, era da piscina pra lá, ai depois que construiu esse salão, e a casa é muito boa.” (Figura 25). A articulação da senhora entrevistada com a piscina que existia no casarão é formada por meio da memória afetiva dos momentos vivenciados naquele lugar, conforme trecho da narrativa.

Figura 25 - Amigas em evento na antiga piscina do Centro de Convivência do Idoso, 2005.



Fonte: Acervo pessoal da entrevistada (2005).

Apesar da relevância da piscina para os frequentadores, ela foi retirada por conta do custo da manutenção e para ganhar mais áreas de convivência. Contextualizando o sentido de identidade com a territorialização, Saquet (2007) apresenta duas abordagens diferentes. Uma delas ressalta aspectos histórico-culturais, simbólicos e afetivos da vida de grupos sociais em um determinado lugar. E a outra, apresenta característica de unidade transescalar, entre os sujeitos e lugares. Ou seja, para Saquet, a reprodução da identidade territorial é imaterial, histórica, relacional e multiescalar. Com base nessa concepção, o autor afirma:

[...] a identidade é territorial e significa, além de pertencimento a um certo lugar, o resultado do processo de territorialização, com elementos de continuidade e estabilidade, unidade e diferencialidade. O território é produto e condição social, influenciando na constituição de identidade local em virtude de ações coletivas; tem um conteúdo dinâmico e ativo, com componentes objetivos e subjetivos, nos níveis local e extra local (SAQUET, 2007, p 152).

Toma-se, então, o patrimônio edificado como uma manifestação da arquitetura. Vale considerar que essas edificações refuncionalizadas, como as três apresentadas nesta pesquisa, se tornam equipamentos responsáveis pela expressão simbólica da identidade, vinculadas à constituição de laços de memória. Essa constituição da identidade é um processo complexo e vinculado a intencionalidades que se manifestam nas relações culturais e de tradição, perpassando por aspectos econômicos, simbólicos, turísticos e de constituição das paisagens.

Com a apresentação descritiva das edificações, fica evidente o cuidado com a preservação da casa como patrimônio histórico, comprovando que o emprego de novas funções nessas edificações antigas pode livrá-las do abandono e da demolição. Além de apresentar como acontece a interação e conexão das casas com a Praça, e de como elas alteram a dinâmica desse espaço.

**DO ANTIGO PARA O MODERNO...**

Fonte: Da janela do Museu Regional. Elaboração da autora (2020).

*Se não fosse essas novas funções talvez  
a Praça não estaria tão viva.*

*(Claudia Lima)*

#### 4 A DINÂMICA SOCIOESPACIAL DO CENTRO HISTÓRICO CONQUISTENSE

---

*Porque eu gosto daqui, aqui é meu lugar,  
foi onde me encontrei, algum problema que eu tinha  
eu melhorei aqui, aqui me divirto, encontro minhas amigas,  
passeio, é o lugar da gente viver.*

*(Antônia Nolasco)*

Para a Arquitetura, a projeção das formas, da volumetria, do espaço edificado, se define por linhas, comprimentos, larguras, alturas e profundidades, alinhados na construção do ambiente concreto; é a materialização dos objetos socioespaciais. Na Geografia, segundo Santos (2006), a forma é um elemento analítico na apreensão socioespacial de um dado ambiente construído. Ela não tem, portanto, autonomia em si mesma, com relação à produção espacial desse ambiente, o que a distingue, conceitualmente, da forma arquitetônica, como bem assevera Leitão e Lacerda acerca da expressão forma.

Essa forma, porém, materializa-se por meio da arquitetura, que cada sociedade edifica. Como se vê, embora a expressão vocabular seja a mesma – forma –, trata-se de duas expressões epistemologicamente distintas, ou seja, enquanto, na perspectiva geográfica, “a forma não deve ser considerada em si mesma, sob o risco de atribuir-se a ela uma autonomia de que não é possuidora”, do ponto de vista arquitetônico, a forma é autônoma em si mesma – no tanto em que delimita e, com isso, cria o espaço arquitetônico (LEITÃO; LACERDA, 2016, p. 6).

Arquitetar é, pois, nesse sentido, uma ação humana criadora. Uma ação que faz surgir, no contexto dessas notas, o ambiente construído, inexistente até o momento, em que se deu justamente essa ação projetual originária. Já na Geografia, discute-se a distinção epistemológica do espaço natural produzido socialmente, onde um depende do outro. A respeito disso, Souza (2006, p. 58) enfatiza: “O aprendizado mútuo entre cientistas sociais e arquitetos precisa ser aprofundado”. Com isso, a metodologia aqui adotada possibilitou uma articulação entre as duas ciências e com essa fusão de ideias e subjeções entender como as modificações e funções interferem nas dinâmicas socioespaciais.

As pessoas se socializam e interagem no lugar, quer seja a rua, o bairro ou a cidade. Segundo Gomes (2001, p.58), “[...] pelas práticas socioespaciais que irão envolver aculturamentos e adaptações por meio de artificializações da natureza e naturalização do artificial”. As redes sociais que se formam nessas identidades locais contribuem para a



formação do lugar, como reforça a epígrafe acima “aqui é meu lugar” constituindo, portanto, um território que gera um sentimento de pertença (COSTA, 2003).

Arruda (2000, p. 163) auxilia nessa compreensão ao ressaltar que “As memórias construídas sobre os espaços geográficos possuem grande influência na constituição dos sentimentos de identidade nacionais ou regionais, no pensamento político e no próprio processo de transformação dos mesmos espaços geográficos”. E o território, segundo Bonnemaison (2002, p. 103), “[...] é, ao mesmo tempo, ‘espaço social’ e ‘espaço cultural’: dele faz parte a dimensão social quanto à dimensão simbólica”, com suas nuances e processos de apropriação de identidade.

Os centros e núcleos históricos desempenham um importante papel estruturador das formas e funções urbanas das cidades, bem como pela sua vitalidade permanente no decorrer da história. Essa vitalidade e os movimentos presentes nas suas formas-conteúdo são da própria natureza dos centros urbanos; por isso neles encontramos a convivência de uma diversidade de formas e funções, pretéritas e presentes, de signos e significados que ganharam ou perderam a importância social no decorrer do tempo, como o contraste de algumas edificações antigas que possuem um uso contemporâneo, muitas vezes tecnológico (PAES-LUCHIA, 2006). A narrativa de uma entrevistada acerca dessa concepção do uso das edificações antigas, evidencia bem esse aspecto quando ela afirma:

Eu acho muito legal ver **algo atual funcionando dentro de uma casa antiga**, contanto que preserve a edificação, acho assim que deveria ter mais lugares tombados, para que as pessoas não modificassem muito, acho que foi um ganho para Praça ter a Alameda, e toda essa área comercial, traz muita movimentação pra cá <sup>46</sup>(grifos nossos).

Como relatado na narrativa, as características históricas das edificações devem ser preservadas, para que o núcleo histórico não perca sua identidade, para isso é importante que tenham mais edificações tombadas. Essas áreas urbanas históricas centrais, como a Praça Tancredo Neves e seu entorno, de modo geral, têm sido progressivamente marcadas por uma diferenciação na dinâmica socioespacial, delimitando constantemente territorialidades distintas. Nessas áreas ocorre uma disputa contínua e permanente entre territorialidades antigas e novas. Na atualidade, o entorno da Praça é preenchido por diversas edificações com usos culturais e comerciais que aumentam o fluxo de pessoas que transitam pelo centro histórico diariamente. Tais edificações suscitam novas dinâmicas socioespaciais no núcleo

---

<sup>46</sup> Entrevistada n. 12, frequentadora da Praça. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em janeiro de 2021.

histórico, essa afirmativa é possível diante das narrativas coletadas em trabalho de campo. Uma senhora frequentadora do Centro de Convivência do Idoso, ao ser questionada quanto à sua relação com a praça e aos demais edifícios ali existentes assim destaca:

As vezes nós vamos na praça, e as vezes só vamos na casa, ontem mesmo nós fomos no museu, o grupo todo, fomos lá, visitamos, vi muita coisa boa lá, mas a gente sempre passeia na praça, **antes de vir para casa a gente já frequentava a Praça**, só que menos, hoje a gente frequenta mais. **A Praça mudou, porque antes a Praça era uma coisa e hoje é outra**, tem muita coisa bonita hoje, antes era menos, hoje tá mais bonita, mais divertida da gente passear<sup>47</sup> (grifos nossos).

A narrativa demonstra a alteração da dinâmica da Praça, e um dos elementos destacados foi o museu. A entrevistada reconhece uma nova dinâmica ao enfatizar: “[...] porque antes a Praça era uma coisa e hoje é outra”. Tal constatação revela que, além das novas funções assumidas pelas edificações, a Praça foi modernizada, passou a contar com novas dinâmicas e por isso as pessoas que frequentam esse espaço percebem essas mudanças. Para entender a configuração atual dos centros urbanos, sua dinâmica, seus usos e funções que se encontram em constante processo de definição e redefinição, é de extrema importância conhecer os fatores que contribuíram para sua formação e transformação ao longo dos anos, pois “A dinâmica das áreas centrais tem relação direta com os processos de produção e apropriação do espaço urbano ao longo da história” (BLASCOVI, 2006, p.30).

De acordo com a narrativa de alguns entrevistados, a Praça atualmente se encontra em bom estado de conservação, “[...] a Praça está sempre bem cuidada, né? A gente vê o pessoal cuidando aqui e aí vai sendo conservada pela gente também”<sup>48</sup>. A responsabilidade da manutenção é realizada por uma gestão compartilhada entre a Secretaria do Meio Ambiente e a Secretaria de Cultura. O coordenador da Secretaria de Meio Ambiente destaca aspectos que envolvem a relação do pertencimento do sujeito social com a Praça que se revela nas vivências estabelecidas com esse lugar.

Na verdade, o sentido de pertencimento à cidade passa muito mais pela vivência da cidade pela população. As praças são um instrumento de política urbana e um instrumento de gestão compartilhada, até porque as pessoas quando estão na praça, estão utilizando os equipamentos que estão na praça, caminhando com a família, estão vivenciando a gestão ambiental, estão colhendo os frutos de todo o investimento que elas fazem através dos

<sup>47</sup>Entrevistada n.04, frequentadora do Centro de Convivência do Idoso. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

<sup>48</sup> Entrevistada n. 11, frequentadora da Praça. Entrevista concedida durante trabalho de campo em novembro de 2020.

impostos que são pagos. Então, a Praça Tancredo Neves, como todas as outras praças do município, colaboram para a manutenção da qualidade do ar, com as espécies arbóreas que nós temos que fazem o condicionamento do ar, então mantém um equilíbrio térmico, mantém o equilíbrio do ar da cidade, bem como traz essa questão do pertencimento para que as pessoas se sintam responsáveis pela gestão da cidade, pelo cuidado da cidade. [...] a gente tem aqui na Secretaria de Meio Ambiente a política de criar na consciência das pessoas que o meio ambiente não é algo alheio a gente, que nós fazemos parte dele, somos seres vivos. Então, queremos justamente criar essa consciência na população de pertencimento à cidade de que a cidade é da população e que por ser da população a população tem sua responsabilidade que não se baseia só na tributação, se baseia também no cuidado. A manutenção em geral é de competência da Secretaria do Meio Ambiente, inclusive os equipamentos, o que não cabe a Secretaria do Meio Ambiente é realizado por outras secretarias, sendo a prefeitura, como um todo, responsável pela praça. Como por exemplo a Secretaria de Cultura que cuida da realização de eventos. Então, a gestão é compartilhada.<sup>49</sup>

Por esse tipo de relação entre a Praça e os sujeitos sociais que dela fazem uso, é imprescindível compreender que os centros históricos são lugares carregados de significados, pois promovem uma troca de experiências entre os sujeitos sociais, destes com o meio ambiente, com a história e a memória que ainda circulam e permanecem por todas as partes desses lugares, seja nas ruas, igrejas, edificações históricas, na oralidade e no saber-fazer da comunidade local. É inegável que a síntese desses elementos constitui um rico e importante patrimônio, merecedor de respeito e de atenção por parte do poder público e de outros órgãos que buscam intervir nessas áreas.

Segundo Villaça (1998, p. 238), “[...] o centro é produto da aglomeração territorial organizada”. O centro surge com o nascimento da cidade, é o ponto de maior aglomeração, dos acontecimentos, dos atos cívicos. Nesse modelo, o centro torna-se um território cheio de significados funcionais e simbólicos, sendo a sede do poder, religioso e político, pois é nesse centro histórico urbano que se encontra a catedral da cidade e também a prefeitura (CONTINI, 2014). A narrativa de uma frequentadora da Praça evidencia esse aspecto, ao afirmar:

Tenho memória de infância daqui da Praça, minha avó mora aqui perto e eu frequentava muito quando era criança, hoje eu venho quando tenho que ir a prefeitura ou algum outro lugar aqui perto. **Se não fosse essas novas funções talvez a Praça não estaria tão viva**<sup>50</sup> (grifos nossos).

<sup>49</sup> Entrevistado n. 05. Coordenador da Secretaria de Meio Ambiente. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em junho de 2017.

<sup>50</sup> Entrevistada n. 07. Frequentadora da Praça Tancredo Neves. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em novembro de 2020.

Fica evidente, na narrativa apresentada, a importância das novas funções das edificações antigas na dinâmica da Praça, quando a entrevistada diz: “[...] Se não fosse essas novas funções talvez a Praça não estaria tão viva.” A memória das edificações e estruturas existentes na dinâmica das áreas centrais urbanas permanecem durante o decorrer do tempo. Os processos socioespaciais deixam marcas, assim como as reformas que ocorreram na Praça, no decorrer do tempo, como os processos de modernização que contribuíram para que o centro permanecesse como o lugar da diversidade das formas e dos conteúdos históricos da cidade.

Ao observar a Praça, em diversos momentos, foi possível perceber que muitas pessoas se encontravam ali após o expediente de trabalho, ou após o horário de almoço, por ser um ambiente agradável e tranquilo, como relata uma entrevistada: “[...] venho aqui todos os dias quando saio do trabalho, só para contemplar um pouco a Praça e ajuda a relaxar também”<sup>51</sup>. Outra característica observada é a Praça como sentido de passagem, pois muitas pessoas a utilizam com esse fim. Por conta da localização no centro comercial da cidade, durante o dia é muito comum pessoas atravessando por ela e com isso constata-se os seus diferentes usos. A Figura 26 mostra o fluxo de pessoas na Praça com o propósito de ir de uma rua a outra usufruindo de um percurso mais agradável.

---

<sup>51</sup>Entrevistada n. 08, frequentadora da Praça Tancredo Neves. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

Figura 26- Fluxo de pessoas na Praça Tancredo Neves, 2020.



Fonte: Acervo da autora (2020).

Ainda que alguns utilizem a Praça apenas como travessia, ao passar por ela, inevitavelmente, o ato de contemplar acontece. E, nessa dinâmica, muitas pessoas param, conversam e ali relações sociais acontecem e tanto pessoas que frequentam a Praça podem fazer uso das edificações refuncionalizadas (Museu, Memorial e Centro de Convivência do Idoso), como o inverso também acontece. Ao questionar a administradora do Museu, se o fato de o Museu ter sido implementado em uma edificação antiga que está localizada no núcleo histórico da cidade tem interferido na dinâmica desse núcleo, ela afirma:

Eu acho que sim, porque era um espaço totalmente residencial, mas era onde o espaço dos grandes acontecimentos da cidade, os atos civis da cidade aconteciam todos aqui, quando era rua grande, então depois que se transformou em duas praças, continuou residencial [...] E eu acho que a outra grande mudança que aconteceu nesse fluxo de pessoas foi a parte comercial, a praça foi deixando de ser residencial e se tornando comercial, agora você tem várias coisas, a Catedral, o Memorial, o Centro de Convivência, ai tem o Museu, tem o Conquista Center, as pessoas estão sempre passando, então, o público é totalmente diverso, tem esses bancos todos, as vezes entra gente aqui de outra cidade, que está passando pela rua e diz: “ Ah! Aqui é um



museu” e a pessoa entra, entende? Porque não sabe o que é, é de outra cidade e está aqui fazendo compra ou resolvendo outras coisas.<sup>52</sup>

Essa produção social do espaço urbano, muitas vezes, se dá pelo fato dessa parte da cidade ter representado a cidade toda, por longos períodos da história (SANTOS, 1965). As formas encontradas no centro da cidade, os edifícios residenciais e comerciais bem como as dinâmicas sociais que ali são estabelecidas refletem as relações locais, regionais, nacionais e internacionais que as condicionam em cada período.

Ao longo da pesquisa de campo, foi percebida, também, a presença de muitas crianças na Praça. A narrativa de uma entrevistada, acompanhada de uma criança, evidencia outro aspecto importante: “É uma opção de lazer para a cidade, venho muito trazer meu filho, e eu vinha muito quando pequena também”<sup>53</sup>. Tal dinâmica é facilmente percebida, especialmente nos finais de semana e feriados. É importante ressaltar que para os moradores dessa área central da cidade a Praça acaba sendo a única opção de lazer. Como mostra a Figura 27.

Figura 27- Crianças na Praça Tancredo Neves, 2020.



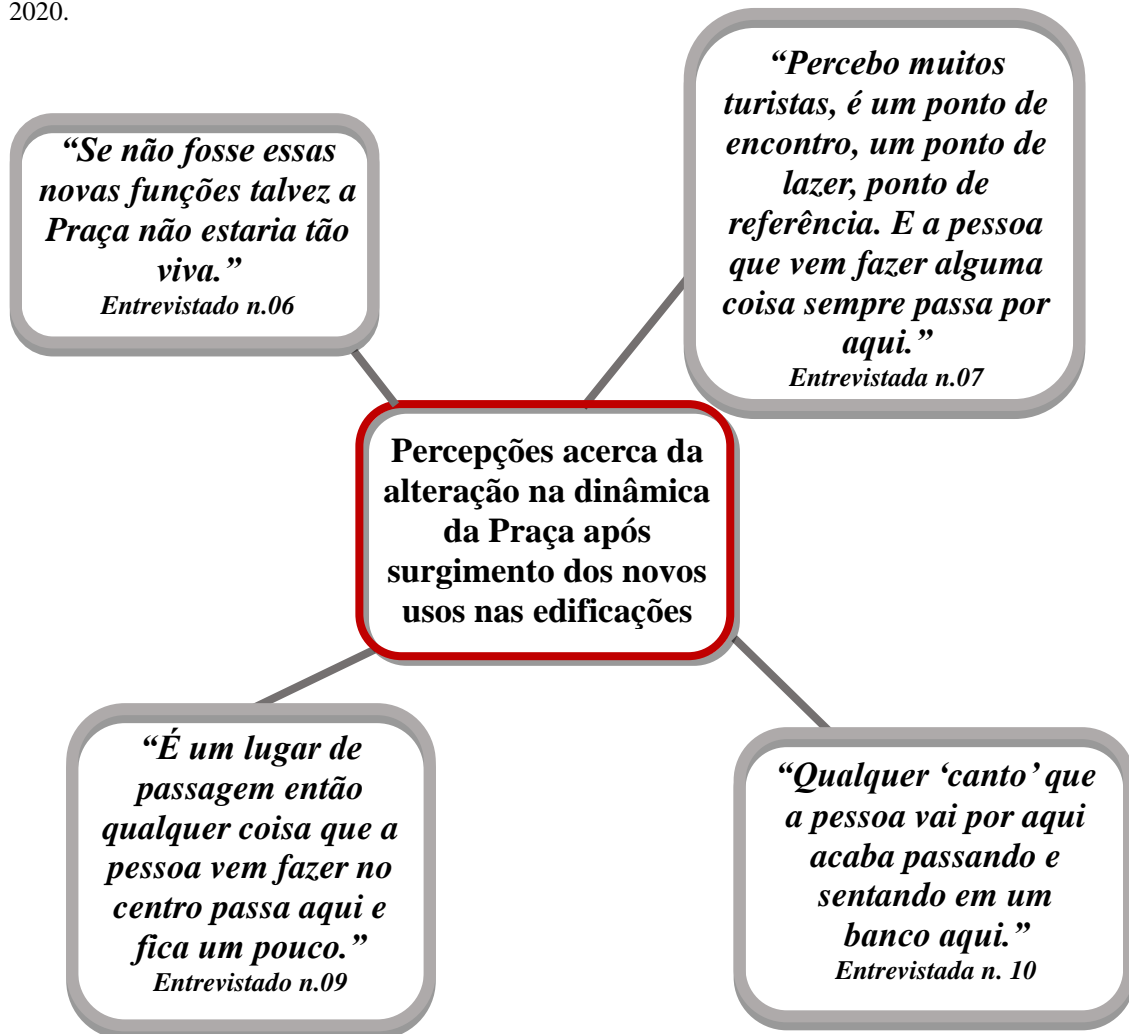
<sup>52</sup>Entrevistada n. 03, coordenadora do Museu Regional de Vitória da Conquista - Casa Henriqueta Prates. Entrevista concedida durante trabalho de campo, em março de 2020.

<sup>53</sup>Entrevistada n. 10, frequentadora da Praça Tancredo Neves. Entrevistada durante trabalho de campo realizado em novembro de 2020.

Fonte: Acervo da autora (2020).

Esses usos demonstram uma prática de gerações e, apesar da dinâmica da Praça se modificar ao longo dos anos, algumas características permanecem. Em diversos relatos, foi possível notar a percepção dos frequentadores a respeito da dinâmica socioespacial da Praça. Acerca do questionamento sobre a dinâmica do espaço depois do surgimento dos Museus, da Casa do Idoso, do Memorial e de novas funções comerciais, alguns entrevistados evidenciaram as seguintes percepções (Figura 28).

Figura 28 - Percepções dos entrevistados acerca da dinâmica da Praça Tancredo Neves após novos usos, 2020.



Fonte: Pesquisa de campo (2020). Elaboração e organização da autora (2020).

A Figura 28 evidencia os diferentes usos e, com isso, a alteração na dinâmica socioespacial. Como relata Santos (1965): “O centro de uma cidade é, pois, o teatro dessa luta de tendências. Sua síntese se manifesta pela criação de uma paisagem”. Ou seja, estruturas do



passado que permanecem, somadas às forças do presente que se impõem por meio das refuncionalizações alteram constantemente a dinâmica socioespacial desse espaço.

É interessante destacar a narrativa de uma frequentadora da Praça, que contrasta com a maioria dos relatos e percepções. Ao ser questionada quanto à alteração da dinâmica por conta dos novos usos nas edificações ela enfatiza:

Eu acho que não mudou por isso não, é porque é central mesmo, um lugar de lazer e por conta da decoração de natal acaba sendo um lugar turístico, mas não acho que foi por conta das casas não, na verdade sempre foi um ponto turístico, não mudou por isso, minha família quando vem de fora mesmo sempre quer vir por conta das luzes de natal”.<sup>54</sup>

Esse discurso demonstra que nem todos os frequentadores da Praça têm algum tipo de relação com as casas refuncionalizadas, e não relacionam a dinâmica desse lugar com esse acontecimento; enxergam a Praça de forma monumental, turística, com um caráter de lazer que sempre obteve e não se alterou por conta das mudanças do seu entorno. Embora em sua narrativa a entrevistada negue o papel das edificações na reconfiguração da dinâmica da Praça, o que a pesquisa de campo evidenciou é que tais edificações cumprem, sim, o papel de atribuir à Praça novas dinâmicas.

Uma outra expressão que merece destaque na narrativa: “[...] por conta da decoração de natal acaba sendo um lugar turístico”. Não se pode negar que a decoração de natal certamente torna a Praça um ponto turístico da cidade, e isso altera nitidamente a sua dinâmica, o fluxo de pessoas aumenta e, nesse caso, as pessoas permanecem ali por mais tempo. O Painel 11 demonstra essa movimentação no período natalino.

---

<sup>54</sup>Entrevistada n. 10, frequentadora da Praça Tancredo Neves. Entrevistada durante trabalho de campo realizado em novembro de 2020.

Painel 11- Praça Tancredo Neves com decoração de natal, 2020.



Fonte: Acervo, elaboração e organização da autora (2020).

Como citado anteriormente, nesse período, o Memorial Régis Pacheco passa a estabelecer uma maior conexão com a Praça. Durante essa etapa da pesquisa de campo, realizada em dezembro de 2020, o Memorial assim como o Museu Regional e o Centro de Convivência do Idoso se encontravam fechados por conta da pandemia causada pela proliferação do vírus da Covid-19. Apesar de fechado, o Memorial estava decorado com luzes de natal, como mostra a Figura 29:

Figura 29 - Memorial Régis Pacheco com decoração de natal, 2020.



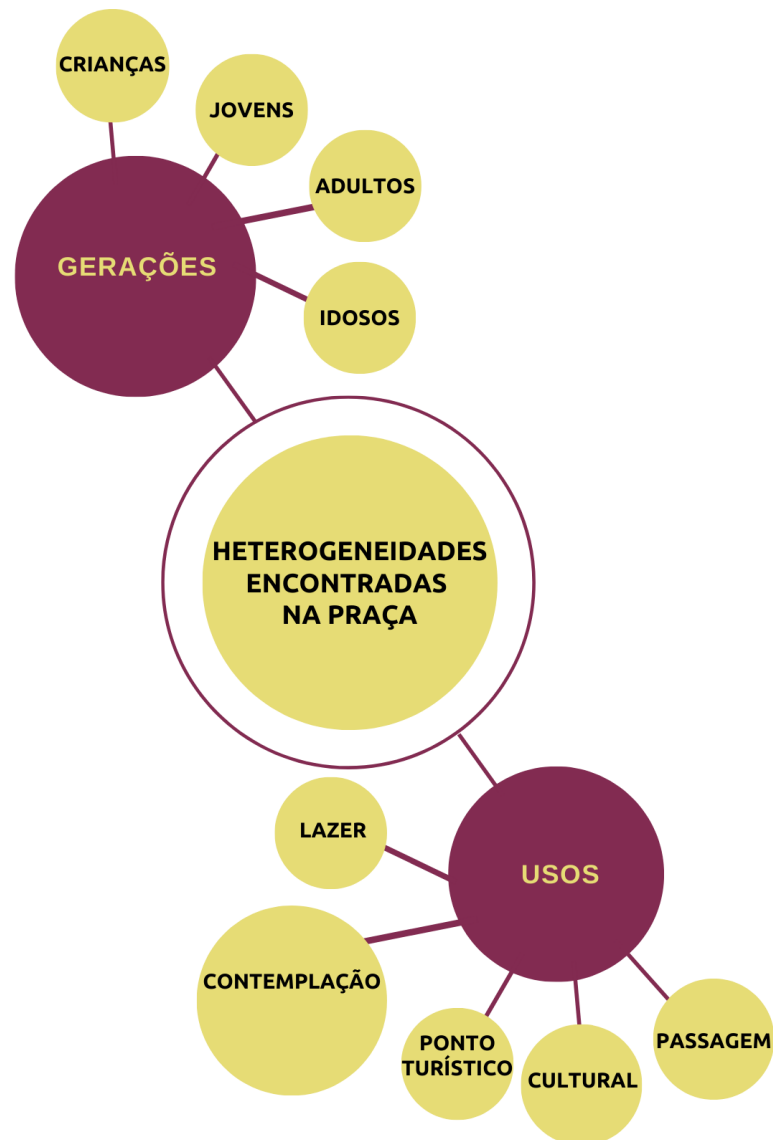
Fonte: Acervo da autora (2020).

A Praça, assim, pode ser considerada como um território urbano onde pulsa a vida cotidiana, preenchida por sujeitos sociais que produzem diariamente esse espaço, seja de passagem, de modo contemplativo, visita, lazer, ponto turístico ou local de trabalho. Como bem assevera Rocha e Eckert a respeito dessas identidades territoriais:

Sem dúvidas, os contornos de uma cidade se expandem e se comprimem, a massa dos edifícios, o entalhe das avenidas e dos corredores, a multidão de janelas que corta verticalmente as cidades; as ruas, os bulevares, o movimento das pessoas e das coisas, as vitrines, os terraços dos cafés, as calçadas, as praças e os jardins direcionam nosso olhar para esta intuição da riqueza temporal. A cidade se descobre no encaixe dos volumes construídos em escalas diferentes e em seus espaços compartilhados, que passam a conformar identidades territoriais que fundam patrimônios, bairros, quarteirões, regiões, moradias etc. Cada vez mais, na superfície do planeta, a matéria terrestre das cidades e dos campos, do urbano e do rural se aproximam, se interpenetram, se mesclam, confluem numa harmonia híbrida e conflitual (ROCHA; ECKERT, 2013, p. 23).

Com isso, percebe-se uma diversidade de usos e funções do núcleo histórico. Consta-se que existe uma linha tênue entre a escala cotidiana no centro histórico em diálogo com seu entorno e com seu conjunto de edificações, e a da escala turística temporária planejada que, com ajuda do poder público por interesse cultural, a partir de atrativos aumenta o fluxo de pessoas nesse local. Consta-se, ainda, uma certa heterogeneidade nos usos e nos sujeitos sociais que frequentam o núcleo histórico da cidade. Os elementos mais significativos que evidenciam esses fatos foram demonstrados na Figura 30.

Figura 30- Elementos significativos que compõem a heterogeneidade dos usos e sujeitos sociais da Praça Tancredo Neves.



Fonte: Pesquisa de campo (2020). Elaborado e organizado pela autora (2020).

A heterogeneidade encontrada na Praça mostra que, além do papel cultural que desempenha esse lugar, ela assume outros papéis importantes na cidade, como: passagem, lazer, ambiente de contemplação e relaxamento, características presentes por décadas, e que não se alteraram com suas reconfigurações. O que a pesquisa buscou demonstrar é que o fato de a Praça estar inserida no núcleo histórico da cidade e ocupar boa parte dele é de grande significância para a cidade e que as edificações antigas ao seu redor, assumindo novos usos, trazem uma nova movimentação, uma nova dinâmica para esse espaço.

Torna-se necessário descobrir as diferenças e os conflitos latentes entre esses grupos, para “salvar” a cidade e o seu patrimônio. Por meio dessas percepções, podemos constatar a influência do patrimônio cultural na produção do espaço conquistense, e a importância desses patrimônios serem utilizados com novos usos para sua própria conservação e manutenção. Seja de propriedade pública ou privada, a partir do momento em que a edificação ganha um novo uso, diminuem as chances de possíveis abandonos e demolições.

Vale ressaltar que, embora a pesquisa de campo tenha evidenciado em maior parte essas articulações que concordam que as edificações refuncionalizadas trouxeram novas dinâmicas socioespaciais para o lugar, ainda existem pessoas ou frequentadores da Praça que não estabelecem vínculo com essas edificações refuncionalizadas. Ainda que nem todos os frequentadores afirmem, as entrevistas com os administradores das casas, por exemplo, não deixam dúvidas quanto à influência desses equipamentos na dinâmica do núcleo histórico. Tal constatação foi reforçada pelas narrativas, pesquisas em acervos e observações durante a pesquisa de campo que permitiram compreender como o núcleo histórico foi modificando sua dinâmica ao longo do tempo.



**DO PASSADO PARA O PRESENTE...**

Fonte: Da janela do Memorial Régis Pacheco. Elaboração da autora (2020).

*Dura tudo aquilo que tem razão para recomeçar.*

*(Bachelard)*

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

*O dever de memória faz de cada um  
o historiador de si mesmo.  
(Pierre Nora)*

Patrimônio, memória e território são três categorias que convergem de variadas formas, tendo todas o potencial de (re)significar padrões culturais e históricos. Nessa perspectiva, o patrimônio edificado e a arquitetura se relacionam formando um contexto de identidade e simbologia, e a memória, por sua vez, promove essa relação, pois está intrinsecamente associada ao processo de produção socioespacial.

Logo, as edificações antigas desempenham um papel importante no cenário urbano, sendo um aspecto simbólico presente na paisagem do local do centro histórico da cidade. Neste estudo, foram contextualizados elementos que se manifestam na área central do núcleo histórico de Vitória da Conquista e apresentam rugosidades espaciais que constituem a diversidade patrimonial local. Não se trata apenas de edificações antigas, mas de um patrimônio vivo, expresso nas manifestações culturais das reterritorializações.

O presente estudo teve como objetivo analisar a interferência da refuncionalização de edificações antigas na dinâmica socioespacial da área central do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista – Bahia. Para tanto, as observações e a pesquisa de campo foram fundamentais para atingir o objetivo de análise proposto.

Buscou-se, primeiramente, na pesquisa de campo, entender a dinâmica de funcionamento das edificações refuncionalizadas, o estado de conservação, as características dos seus usos e administrações para, então, compreender, com a ajuda da percepção dos frequentadores dessas edificações e do centro histórico, a dinâmica socioespacial desse núcleo.

A compreensão das edificações refuncionalizadas como territórios, pertencidos e habitados, permitiu entender os processos de (des)territorialização e de (re) territorialização, considerando, então, as territorialidades existentes em cada edificação refuncionalizada que podem ser ativadas e desativadas graças à construção e reconstrução de identidades, bem como dos novos usos e funções.

A pesquisa possibilitou a conclusão de que o centro histórico possui diversos usos e funções e que a sua dinâmica foi se alterando ao longo dos anos, passando por diversas modificações do seu entorno, tendo a refuncionalização das edificações grande influência

nesse processo, levando mais vida e movimentação para o núcleo, papel que o Museu Regional, o Memorial Régis Pacheco e o Centro de Convivência do Idoso, por exemplo, têm desempenhado como consequência dos eventos e práticas que desenvolvem diariamente. Ao longo da pesquisa de campo, permaneceu o desejo de demonstrar mais essa conexão das edificações com a Praça, o que, infelizmente, não foi possível por conta da pandemia causada pela Covid-19, que impossibilitou acompanhar o movimento de visitação dessas edificações.

Com a reflexão aqui empreendida, concluímos que a Geografia possui um papel importante no estudo dessas áreas e ajuda na compreensão teórica e operacional, podendo contribuir com a reconstrução da memória dos sujeitos sociais que frequentam e fazem uso do núcleo histórico. Assim, juntamente com a Arquitetura, a Geografia pode provocar a estima e o zelo na população pelas edificações antigas.

A pesquisa que ora se materializa por meio da escrita não se iniciou nesta dissertação. Mas a abordagem da pesquisa realizada no âmbito do mestrado possibilitou um aprofundamento e direcionamento ancorado na Geografia. E, com base nessa ciência, foi possível fazer associações e reconstruções de memórias e identidades existentes com a Praça. Nessa tessitura foram aguçados rastros de memória que estavam presentes desde a infância. Embora não seja comum a utilização de fotografias em uma conclusão, considerei emblemático apresentar a Figura 31 que retrata muito do que o estudo evidenciou, pois tal imagem demonstra parte da memória de infância na Praça Tancredo Neves, em uma das visitas, acompanhada por minha irmã. Memórias que permaneceram com o tempo e foram transformadas em estímulo para estudos como este.

Figura 31- Foto da infância da autora na Praça Tancredo Neves, 1998



Fonte: Acervo da autora (1998).

Esta pesquisa chega ao fim confirmando a influência que a refuncionalização das edificações antigas possuem na alteração da dinâmica desse núcleo histórico e, além disso, apresentando a importância de reconhecer a Área Central Histórica da cidade como bem cultural a ser preservado, por meio da identificação e caracterização de um conjunto de elementos que lhes conferem esse atributo. Diz respeito ao acervo arquitetônico que essa área guarda, elemento material do patrimônio, às formas de representação e ao saber fazer que ali tem, e que são reveladas pelas formas cotidianas de apropriação do espaço e das conexões estabelecidas entre os sujeitos sociais e o território.

A identidade cultural que confere ao patrimônio significado, associada à manutenção e conservação desse elemento, possibilita a salvaguarda do valor dessas áreas no tempo e traz a esperança de que cada vez mais edificações antigas sejam refuncionalizadas e, assim, conservadas. Deste modo, espera-se que esta pesquisa abra caminhos para outros estudos que, porventura, utilizem a área histórica como objeto de análise, com o intuito de contribuir para futuros projetos de pesquisa, perspectivas de desmembramento em artigos científicos para publicação em revistas e encaminhamentos para um doutorado, visto que os estudos não se esgotam aqui e ainda existe uma gama de abordagem a respeito do núcleo histórico da cidade.

## REFERÊNCIAS

---

ALBAGLI, S. Território e territorialidade. *In*: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (org.). **Território em movimento**: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília, DF: SEBRAE, 2004.

ALMEIDA, M. do C. B. de. **A vitória na renascença baiana**: a ocupação do distrito e sua arquitetura na primeira república (1890-1930). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Bahia. Salvador: MAU.UFA, 1997. 294p.

ALVES, M. do C. **Usos do território e rugosidades**: Fundamentos socioespaciais do patrimônio histórico do Estado do Ceará. 2017. Tese (Doutorado). Programa de pós-graduação em Geografia Humana da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

ARRUDA, G. **Cidades e sertões**: entre a história e a memória. Bauru: EDUSC, 2000.

AZEVEDO, P. O. D. A restauração arquitetônica entre o passado e o presente. **Rua – Revista de Arquitetura e Urbanismo**, Salvador, n. 8. UFBA, 2005.

BLASCOVI, K. de M. **Reabilitação Urbana**: o fenômeno da centralidade e o uso funcional de edifícios não utilizados ou subutilizados nos centros urbanos - o caso de Curitiba. 2006. Curitiba, 2006. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 2006.

BAACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

BRAGA, M. V. **Novos usos**: Espaços culturais. Proposta de revitalização e requalificação de casarões na Praça Tancredo Neves em Vitória da Conquista - Bahia. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Faculdade Independente do Nordeste, Vitória da Conquista, 2018.

BRAGA, P. M. **Intervenções Urbanas em Áreas Centrais Históricas**: Paisagens particulares versus a banalização da paisagem. Contradições entre a preservação do patrimônio cultural e a promoção do turismo em intervenções realizadas no centro histórico de Salvador e no Bairro do Recife. 2013. Tese (doutorado) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2013.

BRASIL. Decreto-lei nº 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. **Lex**: Legislação Federal Brasileira, 1993. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/del0025.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm). Acesso em: dez. 2020.

BRESCIANI, S. M. “Permanência e Ruptura no Estudo das Cidades”. *In*: FERNANDES, A.; GOMES, M. A. de F. **Cidade e História**. Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX. UFBA, Faculdade de Arquitetura, ANPUR, Salvador, 1992, p.11-26.

BOITO, C. **Os Restauradores**. Cotia, Ateliê, 2002.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do Território. *In*: ROSENDHAL, Z.; CORRÊA



R. L. (org.). **Geografia Cultural (3)**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2002.

BURY, J. **Arquitetura e arte no Brasil colonial**. Brasília, DF: IPHAN/MONUMENTA, Myriam Andrade Ribeiro (org.), 2006, 256p.

CALDEIRA, J. M. **A Praça Brasileira: trajetória de espaço urbano – origem e modernidade**. 2007. 434 f. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação: História. Campinas, São Paulo, 2007.

CÂMARA. H. F. **A casa Régis Pacheco**. Vitória da Conquista, 2007.

CARLOS, A. F. A. **A condição espacial**. São Paulo: Contexto, 2011. 157 p.

CARLOS, A. F. A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.

CARNEIRO. L. de O. Territorialidades e etnografia: Avanços metodológicos da análise geográfica de comunidades tradicionais. **Ateliê Geográfico**, Goiânia-GO, v. 7, n. 1, Abril, 2013. p.81-101.

CHOAY, F. **A alegoria do Patrimônio**. 4. ed. São Paulo: Estação Liberdade, UNESP, 2006.

CONTINI, A. **Reabilitação urbana no centro de Curitiba**. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2014.

COSGROVE, D. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDHAL, Z. **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSTA, O. Memória e paisagem: em busca do simbólico dos lugares. **Espaço e Cultura**. Edição comemorativa. UERJ, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/viewFile/6143/4415>. Acesso em: 17 jun. 2020.

COSTA, W. M. da. **Geografia Política e Geopolítica**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

DE DENTRO PARA FORA: você sabia que olhar pela janela faz um bem danado?. **Follow the colours**, 2013. Disponível em: <https://followthecolours.com.br/art-attack/de-dentro-para-fora-voce-sabia-que-olhar-pela-janela-faz-um-bem-danado/>. Acesso em: 18 de junho de 2020.

FERRAZ, M. Museus como importantes centros históricos e educacionais. **Revista eletrônica da UESB**, Vitória da Conquista, EDITORIAIS/UESB. 2020. Disponível em: <http://www2.uesb.br/revistaeletronica/museus-como-importantes-centros-historicos-e-educacionais/>. Acesso em: 10 de junho 2020.

FERRAZ, A. E. de Q. **O urbano em construção Vitória da Conquista: um retrato de duas décadas**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2001.

FERNANDES, A. M. V. **Turismo e patrimônio na cidade de Barcelona**. Campinas, São Paulo: Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Geociências, 2014.

FUINI, L.; CABRAL, G. As Múltiplas Territorialidades do Festival de Música de Ourinhos-SP. *In: VII CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS*, 2014, Vitória/ES. **Anais [...]**. Vitória, 2014. Disponível em: <http://docplayer.com.br/7568390-As-multiplas-territorialidades-do-festival-de-musica-de-ourinhos-sp.html>. Acesso em: 20 maio 2020.

FURQUIM, L. **Rugosidades**: Um novo olhar sobre Castro. 2012. Disponível em: <https://rugosidades.wordpress.com/>. Acesso em: 25 maio 2020.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. *In: GONDAR, J.; DODEBEI, V. (org.). O que é memória social?* Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria/Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005. p. 11-26.

GOMES, E. T. A. “Natureza e cultura, representações na paisagem” (pp.57;59) *In: ROSENDHAL, Z; CORREA, R. L. Paisagem, Imaginário e espaço*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

JEUDY, H. P. **O espelho das cidades**. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005.

LEITÃO, L., LACERDA, N. O espaço na geografia e o espaço da arquitetura: reflexões epistemológicas. **Cad. Metrop.**, São Paulo, v. 18, n. 37, set/dez. 2016. p. 803-822.

LEFEBVRE, H. **A produção do espaço**. Tradução: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins do original: *La production de l'espace*. 4.ed. [S.l.], [s.n.] 2006.

LE GOFF, J. **História e memória**. Tradução: Bernardo Leitão *et al.* 1990. 7ª ed. Revista Campinas, SP:Editorada UNICAMP, 2013.

MATTOS, M. R. de. Arquitetura paisagística: um estudo sobre representações e memória - estudo de caso: praças da cidade de Pelotas-1860-1930. **Paisagem e Ambiente**, São Paulo, n.23, jun. 2007. p. 231-241 Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/87964>. Acesso em: 06 mar. 2020.

MENESES, U.T. B. de. Os “usos culturais” da cultura. Contribuição para uma abordagem crítica das práticas e políticas culturais. *In: CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. C. A. da.; YÁZIGI, E. (org.). Turismo: espaço, paisagem e cultura*. São Paulo: Hucitec, 1996. p. 88 – 99.

MINISTÉRIO DAS CIDADES. **Manual de Reabilitação de Áreas Urbanas Centrais**. Brasília: Ministério das Cidades; Agencia Espanhola de Cooperação Internacional – AECI, 2008.

MONASTIRSKY, L. B. Espaço urbano: memória social e patrimônio cultural. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, v.3, n.2, jul./dez. 2009. p.323-334.

NASCIMENTO, T. F. do; COSTA, B. P. da. Fenomenologia e geografia: teorias e reflexões. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, Santa Maria/RS, v.20, n.3, 2016. p. 43-50.

NORA, P. **Realms of Memory: the construction of the French Past**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1996.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**. Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História, São Paulo, v.10, n.10. dez.1993.

OLIVEIRA, L. L. (org.). **Cidade: história e desafios**. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

PAES-LUCHIARI, M.T.D. Centros históricos - Mercantilização e territorialidades do patrimônio cultural urbano. **GEOgraphia**. Revista de pós-graduação em Geografia, Niterói, n. 15, 2005. p. 43-58.

PAES-LUCHIARI, M. T. D. **A valorização dos centros históricos urbanos** - os dilemas entre o consumo cultural e a habitação. Em: VIII Congresso Internacional de Rehabilitación del Patrimonio Arquitectónico y Edificación, v. 2, p. 251-262, 2006.

PAOLI, M. C. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992. p. 25 – 28.

PESAVENTO, S. J. Com os olhos no passado: a cidade como palimpsesto. **Revista Esboços**, Santa Catarina, v.11, n.11, UFSC, 2004.

PIANCA, G. **Novos usos – A requalificação do patrimônio histórico edificado**: uma proposta para o sítio histórico de Santa Leopoldina – ES. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso. (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Vila Velha- Espírito Santo, Vila Velha, 2017.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. 2020b. **Centro de Convivência do Idoso**. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/programa-vivendo-a-terceira-idade/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. 2020a. **EMURC (Administração indireta)**. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/emurc-administracao-indireta/>. Acesso em: 16 jun. 2020.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. 2012. **Cronologia**. Disponível em: <https://www.pmvc.ba.gov.br/cronologia/>. Acesso em: 06 dezembro 2020.

PMVC. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. **Casarões Antigos**. 2016. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/casaro-es-antigos/>. Acesso em: 08 de dezembro de 2020.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 17 jun. de 2020.

REIS, R. S. **Acessibilidade a Edifícios Históricos de Interesse Turístico Por Pessoas Com Mobilidade Reduzida**: um estudo de exemplos representativos situados na Rota Acessível do Centro Histórico de Salvador. 2015. 188f. Tese (Mestrado em arquitetura e urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

REIS FILHO, N. G. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1978. 214 p.

ROCHA, A. L. C. da. Etnografia: Saberes e práticas. In: Céli Regina Jardim Pinto e César Augusto Barcellos Guazzelli. **Ciências Humanas: pesquisa e método**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ROCHA, A. L. C.; ECKERT, C. **Antropologia da e na cidade: Interpretações sobre as formas da vida urbana**. Porto Alegre: Marcavizual, 2013. 296 p.

ROCHA, F. **Patrimônio e turismo cultural**: Problemas e perspectivas nos centros históricos de João Pessoa e Salvador. 2013. 176 f. Dissertação (Mestrado). UFBA - Programa de Pós-Graduação Multidisciplinar em Cultura e Sociedade do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Salvador, 2013.

ROLNIK, R. “História Urbana: História na Cidade?”. In: FERNANDES, A. M.; GOMES, M. A. de F. **Cidade e História. Modernização das Cidades Brasileiras nos Séculos XIX e XX**. UFBA, Faculdade de Arquitetura, ANPUR, Salvador, 1992, p.27-29.

SABINO, A.; SIMÕES, R. Geografia e arqueologia: uma visão do conceito de rugosidades de Milton Santos. **Revista de Arqueologia Pública**, Campinas, n.8: LAP/NEPAM/UNICAMP. 2013. p. 174-188.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAQUET, M. A. O território: diferentes interpretações na literatura italiana. In: RIBAS, A. D.; SPOSITO, E. S.; SAQUET, M. A. **Território e desenvolvimento**: diferentes abordagens. Francisco Beltrão: Unioeste, 2004.

SAQUET, M. A. **Os tempos e os territórios da colonização italiana**: Desenvolvimento econômico da Colônia Silveira Martins (RS). Porto Alegre: EST, 2003.

SANTOS, A. A. **Os índios krahô e a expansão do agronegócio no nordeste do estado do Tocantins**. 2019. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal Do Tocantins Campus De Porto Nacional, Programa De Pós-Graduação Em Geografia, Porto Nacional, Tocantins, 2019.

SANTOS, M. **O retorno do território**. Da Totalidade ao Lugar. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, J. C. *et al.* Território e territorialidades: inclusão e exclusões no processo de criação de Unidades de Conservação. In: VARGAS, M. A. M.; DOURADO, A. M.;

SANTOS, R. H. dos (org.). **Práticas e vivências com a geografia cultural**. 1. ed. Aracaju: Edise, 2015, v. 01, p. 01-414.

SANTOS, M. **A cidade nos países subdesenvolvidos**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 175p.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2 ed. Reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. São Paulo: Hucitec, 1982.

SEABRA, O. O pensamento de Henri Lefèbvre e a Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**. São Paulo, n. 74, p. 7-21. 1993.

SENA, F. Casarões e memória em Vitória da Conquista. Fábio Sena: Do micro ao macro. Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. **Jornalismo, História, Arte, Cultura, Política**. 2020. Disponível em: <https://blogdofabiosena.com.br/v3/casaroos-e-memoria-em-vitoria-da-conquista/>. Acesso em: 02 jun. 2020.

SPECHT, S. **O território do Morango no Vale do Caí – Rs: Análise pela perspectiva dos sistemas Agroalimentares Localizados**. 2008. 317f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2008.

SOUSA, A. A. de. Território e identidade: Elementos para a identidade territorial. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v.1 n.30. p.119-132, 2008.

SOUZA. B. de J. **Uma polis sertaneja, fora do eixo e fora do centro: Imprensa e memória nas disputas políticas em vitória da conquista (1962-1992)**. 2010. Tese (Doutorado) - Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal da Bahia, Salvador – Bahia, 2010.

SOUSA, M. A. S. de. **A Conquista do Sertão da Ressaca: povoamento e posse da terra no interior da Bahia**. 1.ed. Vitória da Conquista – Ba: Edições UESB, 2001.

SOUZA. M. A. A. de. Território usado, rugosidades e patrimônio cultural: Ensaios geográficos sobre o espaço banal. **PatryTer – Revista Latinoamericana e Caribenha de Geografia e Humanidades**, [S.l], v.2, n. 4, 2019. p.1-17.

SOUZA. M. L. de. **Mudar a cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

SUTIL, M. S. **Beirais e platibandas: A arquitetura de Curitiba na primeira metade do século 20**. 204 f. 2003. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-graduação: História, Curitiba, Paraná, 2003.

TOMLINSON, J. **Globalization and Culture**. Cultura. Chicago: University of Chicago Press, 1999.

UNESCO e Ministério da Cultura. **Informe mundial sobre a cultura: diversidade cultural, conflito e pluralismo**. São Paulo: Moderna, 2007.



VASCONCELLOS, L. M.; MELLO, M. C. F, de. Re: atrás de, depois de. In: Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. **Intervenções em centros urbanos**: objetivos, estratégias e resultados. 2.ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

VILLAÇA, F. **Espaço intraurbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel, 1998.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Decreto nº 19.719, de 09 de agosto de 2019. **Designa representantes para o Núcleo de Preservação do Patrimônio Histórico, Artístico e Cultural do Município**. Vitória da Conquista: Diário Oficial. Disponível em: <https://dom.pmvc.ba.gov.br/diarios/previsualizar/wXjv6gje/37>. Acesso em: 05 abr. 2020.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei nº 707, de 17 de maio de 1993. **Institui normas sobre tombamento de bens móveis e imóveis situados no território do Município e dá outras providências**. Disponível em: <https://pelacidadeblog.wordpress.com/2016/03/30/lei-tombamento-municipal-70793/>. Acesso em: 05 abr. 2020.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei nº 1.385/2006, de 26 de dezembro de 2006. **Institui o plano diretor do município de Vitória da Conquista e dá outras providências**. Vitória da Conquista: Diário Oficial. Disponível em: <http://ba.portaldatransparencia.com.br/prefeitura/vitoriaconquista/?pagina=abreDocumento&arquivo=30EB035F8F48>. Acesso em: 10 abr. 2020.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Lei nº 335, de Setembro de 1985. **Denomina-se Praça Tancredo Neves a atual Praça da República**. Arquivo Municipal de Vitória da Conquista.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitectura**. Lisboa: Arcádia, 1977.

ZEVI, B. **Arquitectura in nuce-uma definição de arquitectura**. Lisboa, Editorial Minerva. 1979.

**APÊNDICES**

## APÊNDICE A

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM FREQUENTADORES DA PRAÇA TANCREDO NEVES

Local da entrevista: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ Sexo: ( ) M ( ) F

Nome: (opcional): \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

1. Com que frequência visita este espaço?

(....) Diária (....) Semanal (....) Mensal (....) Anual (....)

outros \_\_\_\_\_

2. Por que você vem aqui, costuma frequentar a Praça sozinho ou acompanhado?

3. O que primeiro vem à sua mente quando você pensa nessa praça?

4. Você tem memórias desse lugar? Em caso afirmativo poderia contar um fato marcante que tenha ocorrido aqui?

5. Qual são as características que mais lhe chamam atenção? (Questionar se a pessoa percebe que nessa Praça está locado o núcleo histórico da cidade)

6. Você percebeu ou acompanhou modificações da Praça ao longo dos anos? Na sua opinião quais foram as mudanças mais significativas e o que achou delas?

7. Depois do surgimento dos Museus, da casa do idoso, você percebeu alguma alteração na dinâmica da Praça?

Obs: As questões serviram como mote para o desenvolvimento da entrevista, entretanto, de acordo com a experiência e a vivência de cada entrevistado, as questões foram ampliadas e aprofundadas.

**APÊNDICE B****ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA COM OS RESPONSÁVEIS PELA  
ADMINISTRAÇÃO DOS ESPAÇOS**

Local da entrevista: \_\_\_\_\_

Data \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Nome: (opcional): \_\_\_\_\_

Sexo: ( ) M ( ) F

Idade: \_\_\_\_\_

Profissão: \_\_\_\_\_

1. Como funciona a administração e manutenção do empreendimento?
2. Na sua opinião por que foi empregado um novo uso nesta edificação?
3. Qual o horário de funcionamento?
4. Comente como funciona, em relação ao acervo, a conservação, exposições, programação e etc
5. O que sabe sobre o processo de refuncionalização do espaço?
6. Quem foi o idealizador do projeto para o espaço?
7. Como a comunidade recebeu o empreendimento? Poderia falar um pouco sobre os grupos frequentadores.
8. Quais os desafios e dificuldades enfrentadas na administração do empreendimento.

**APÊNDICE C**  
**QUADRO COM O PERFIL DOS ENTREVISTADOS**

<b>Entrevistado</b>	<b>Perfil do entrevistado</b>	<b>Data de realização</b>
Entrevistada n. 01	Coordenadora do Centro de Convivência do Idoso	03 março 2020
Entrevistado n. 02	Administrador do Memorial Régis Pacheco	04 março 2020
Entrevistada n. 03	Coordenadora do Museu Regional - Casa Henriqueta Prates	03 março 2020
Entrevistada n. 04	Frequentadora do Centro de Convivência do Idoso há 22 anos, com 80 anos de idade.	29 maio 2020
Entrevistado n. 05	Coordenador da Secretaria de Meio Ambiente na época.	30 junho 2017
Entrevistado n. 06	Fotógrafo na Praça Tancredo Neves há 20 anos, com 58 anos de idade.	18 de novembro 2020
Entrevistada n. 07	Frequentadora da Praça Tancredo Neves, 42 anos de idade.	19 de novembro 2020
Entrevistada n. 08	Frequentadora da Praça Tancredo Neves, 25 anos de idade.	20 de novembro 2020
Entrevistado n. 09	Pipoqueiro na Praça Tancredo Neves há 26 anos, com 62 anos de idade.	18 de novembro 2020
Entrevistada n. 10	Frequentadora da Praça Tancredo Neves, 39 anos de idade.	19 de novembro 2020
Entrevistada n. 11	Frequentadora da Praça Tancredo Neves, 45 anos de idade.	19 de novembro 2020
Entrevistada n. 12	Frequentadora da Praça Tancredo Neves, 25 anos de idade.	14 de janeiro 2021



## APÊNDICE D

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Conforme Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde – CNS

---

Você está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa “Paisagem, patrimônio e memória: A refuncionalização de edificações antigas e a dinâmica socioespacial do núcleo histórico da cidade de Vitória da Conquista – Bahia”. Neste estudo pretendemos analisar a refuncionalização de edificações antigas na dinâmica socioespacial da área central do núcleo histórico de Vitória da Conquista – Bahia.

O motivo que nos leva a estudar esse assunto é destacar a importância do acervo arquitetônico que compõe o núcleo histórico da cidade, elemento material do patrimônio, formas de representação cultural, e aos vínculos estabelecidos entre a sociedade e o lugar por meio de formas cotidianas de apropriação desse espaço na formação e configuração da dinâmica sócio espacial e da paisagem urbana. Para este estudo adotaremos os seguintes procedimentos: Realização de entrevistas semiestruturadas, pesquisa documental em jornais, como também web gráfica, sites, blogs, revistas digitais. Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Você será esclarecido(a) em todas as formas que desejar e estará livre para participar ou recusar-se. Você poderá retirar o consentimento ou interromper a sua participação a qualquer momento. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não causará qualquer punição ou modificação na forma em que é atendido(a) pelo pesquisador que irá tratar a sua identidade com padrões profissionais de sigilo. Você não será identificado em nenhuma publicação. Este estudo apresenta risco mínimo por conta de que os procedimentos com os agentes envolvidos serão realizados de forma individual. Caso durante os procedimentos utilizados, algum dos participantes no estudo sinta desconforto físico, ou sejam detectadas alterações de saúde que necessitem de assistência imediata ou tardia eu Mariana Viana Braga, serei a responsável pelo encaminhamento à um centro de saúde. Além disso, você tem assegurado o direito a compensação ou indenização no caso de quaisquer danos eventualmente produzidos pela pesquisa. Os benefícios deste estudo são contribuir para o entendimento da importância da conservação de patrimônios através da refuncionalização e conhecimento do núcleo histórico da cidade.

Os resultados estarão à sua disposição quando finalizados. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma das vias será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida a você.

Eu, \_\_\_\_\_ fui informado(a) dos objetivos do presente estudo de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações, e posso modificar a decisão de participar se assim o desejar. Declaro que concordo em participar desse estudo. Recebi uma via deste termo de consentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Jequié, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do(a) participante da pesquisa*

*Impressão digital*

\_\_\_\_\_  
*Assinatura do(a) pesquisador(a) responsável*

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, você poderá consultar:

**Pesquisador(a) Responsável: Mariana Viana Braga**

Endereço: Rua A, 63, Espírito Santo

Fone: (77) 988194689 / E-mail: [marianabraga2@hotmail.com](mailto:marianabraga2@hotmail.com)

**CEP/UESB- Comitê de Ética em Pesquisa**

Avenida José Moreira Sobrinho, s/n, 1º andar do Centro de Aperfeiçoamento Profissional Dalva de Oliveira Santos (CAP). Jequiezinho. Jequié-BA. CEP 45208-091.

Fone: (73) 3528-9600 (ramal 9727) / E-mail: [cepjq@uesb.edu.br](mailto:cepjq@uesb.edu.br)